

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
CURSO DE FILOSOFIA

CARMEYLLA BATISTA VIEIRA

FRIEDRICH NIETZSCHE: UMA VISÃO CRÍTICA
DA MORAL MODERNA

São Luís

2011

CARMEYLLA BATISTA VIEIRA

**FRIEDRICH NIETZSCHE: UMA VISÃO CRÍTICA
DA MORAL MODERNA**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal do Maranhão para obtenção
do grau de licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Ms. Cynthia Moreira Lima.

São Luís
2011

VIEIRA, Carmemylla Batista.

Friederich Nietzsche: uma visão crítica da moral moderna /

Carmemylla Batista Vieira. – São Luís, 2011.

54 f.

Impresso por computador (fotocópia).

Orientador: Cynthia Moreira Lima.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão,
Curso de Filosofia, 2011.

Inclui anexo e bibliografia.

1. Filosofia - Nietzsche. 2 Metafísica. I. Título.

CDU 1NIETZSCH

CARMEYLLA BATISTA VIEIRA

**FRIEDRICH NIETZSCHE: UMA VISÃO CRÍTICA
DA MORAL MODERNA**

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da
Universidade Federal do Maranhão para obtenção
do grau de licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Ms. Cynthia Moreira Lima.

Aprovado em: / /

Nota: (_____)

BANCA EXAMINADORA

Professora Ms. Cynthia Moreira Lima (Orientador - UFMA)

Professor (2º Examinador-UFMA)

Professor (3º Examinador-UFMA)

"A grandeza do homem consiste em que ele é uma ponte e não um fim; o que nos pode agradar no homem é ele ser transição e queda."

Friedrich Nietzsche

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me proporcionar esse momento inesquecível.

A minha família, aos meus pais: minha mãe Carmelita Batista por todo apoio e força nos momentos mais difíceis e ao meu pai Raimundo Nonato Vieira pelo incentivo aos meus estudos; as minhas irmãs Larissa e Sthefane por toda a alegria e motivação.

Aos meus primos Ana Paula, Henry, Taynara, Marcelo, Júnior, Milagres, Hellen e os tios Azenildo e Anita Batista por proporcionarem a oportunidade de está aqui, as tias Doriana, Inúbia, Elenita e Soledade (tia Suli, in memorian).

Meu companheiro e amigo de todas as horas Paulo Vinicius Lima e á Robnilson pela incentivação.

Aos meus amigos de hoje e sempre, Adryanny, Carina, Davilene, Elton, Emanuelle, Flaviano, Graciléia, Karine, Josué, Josi, Lilian, Igor, Márcia, Nathalia, Renata e Wandson.

A todos os meus professores, em especial a minha professora orientadora Cynthia Moreira pelo apoio e compromisso, pelo modelo de vida e profissional a ser seguido, e pelo jeito sereno e acolhedor.

RESUMO

Este estudo aborda à crítica nietzschiana à moral moderna, que implica a metafísica socrático platônica, ao cristianismo; em seguida é abordado a dualidade entre o bem e o mal, e as verdades absolutas. Analisa-se a crítica nietzschiana feita à moral ao seu caráter opressor e alienante diante da sociedade moderna, que aprisiona o homem, Nietzsche apresenta a existência de duas morais: a moral do rebanho e a moral do senhor; para alcançar a moral do senhor é preciso que o homem saia do niilismo, a vontade de potência seria uma forma de afirmação do homem, com ela o homem deveria buscar uma nova educação baseada na transvalorização dos valores, desta forma ele se tornaria um super homem.

Palavras-chave: Metafísica. Cristianismo. Crítica a moral moderna. Vontade de potência. Moral do rebanho. Moral do senhor.

ABSTRACT

This study addresses the Nietzschean critique of modern morality, which involves the Socratic Platonic metaphysics, christianity, and then is discussed the duality between good and evil, and absolute truths. Analyse of oppressive and alienating modern society that imprisons man, Nietzsche shows that there are two morals: morals and moral of the flock of the Lord, to achieve the moral is you need the man off of nihilism, the will to power would be a form of affirmation of man, her man should get a new education based on the transvaluation of values, so it would become a superman .

Keywords: Metaphysics, Christianity, Criticism of modern moral, Will Power, Moral of the flock, Moral of the Lord.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 8 |
| 2. METAFÍSICA COMO DETRIMENTO DA MORAL MODERNA | 11 |
| 2.1 A crítica nietzschiana a filosofia socrática e platônica..... | 13 |
| 2.2 A visão nietzschiana da moral cristã | 15 |
| 2.3 A origem do bem e do mal na sociedade ocidental..... | 17 |
| 2.4 A crítica nietzschiana a verdade absoluta | 26 |
| 3. CRÍTICA NIETZSHINIANA A MORAL MODERNA | 28 |
| 3.1 A moral do escravo | 32 |
| 3.2 A moral do senhor..... | 36 |
| 3.3 A vontade de Potencia como parte da crítica nietzschiana..... | 41 |
| 4. A EDUCAÇÃO COMO FORMA DE CONSTRUÇÃO DO SUPER HOMEM | 44 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 50 |
| REFERENCIAS..... | 53 |

1 INTRODUÇÃO

A curiosidade e o desejo de aprender acerca de um dos filósofos mais lidos e polêmicos da atualidade resultou neste trabalho monográfico intitulado “Friedrich Nietzsche: Uma Visão Crítica da Moral Moderna”, que versa sobre uma crítica a herança cristã dos preceitos morais. Elaborado com base em uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, a partir das principais obras do autor, dentre elas: A Genealogia da Moral, Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro, O Anticristo, Assim Falou Zaratustra, Ecce Homo, Humano demasiado humano e Vontade de poder. Para uma maior compreensão das idéias foi feita também uma leitura de comentadores.

A filosofia de Nietzsche evoca um estilo de pensamento que convida o leitor a rever a genealogia dos valores morais, objetivando repensar o que foi aceito passivamente pela moral cristã e que constitui, segundo o autor, uma negação da vida. Nietzsche se intitula um novo profeta e ao mesmo tempo uma dinamite que veio para destruir os resquícios de “velharia cristã”.

Para ele tudo o que é estabelecido como final e definitivo deve ser repensado. Não há uma verdade estática, o mundo é dinâmico e com ele os seus valores e verdades, o que vale para uma época não deve valer sempre. O homem não deve se ater a verdades fixas, que engessam o pensamento e roubam a criatividade. Ele deve fazer um esforço para repensar as suas certezas. Nietzsche lutava contra tudo que era estabelecido, segundo ele não há verdade absoluta, daí a necessidade de recriar valores e chamar o homem para estabelecer novos valores morais, uma vez que a moral cristã era para ele um dos principais obstáculos à felicidade e causa do mal estar do homem. Deste modo, o objetivo principal dessa pesquisa é apresentar ao leitor algumas considerações sobre as críticas de Nietzsche acerca da moral cristã, a qual ele considerava possuir um caráter alienante e opressor, capaz de limitar o desejo do homem e enfraquecer a sua vontade.

Segundo Nietzsche, a modernidade reproduz uma educação que leva o homem a tornar-se prisioneiro de valores morais, que são alienantes e opressores, e

embora o homem se sinta sufocado com esta situação, ele não encontra forças para romper com os mesmos.

Nietzsche faz um chamamento para que o homem desperte desse estado de alienação e busque sair dessa “prisão”, a fim de dar uma expressão maior a sua própria vontade e encontrar um novo significado para a sua vida. Segundo ele a moral cristã é inimiga da vida, sendo necessário romper com ela para torna-se aquilo que o homem realmente é.

Nietzsche faz uma crítica à moral moderna seguida de uma “transvalorização dos valores”, ou seja, seguida de uma tentativa de inverter os valores externos, impostos pela sociedade, e criar novos valores, que reflitam a vontade interior do homem. Segundo ele a moral é uma longa imposição social, por isso é necessário repensar a moral.

A moral é para todos, como se todos fossem iguais, o que leva Nietzsche a denominá-la de moral de rebanho, uma vez que supõe uma igualdade de valores, entretanto ele salienta que não há nada mais errado do que a ideia de que todos os homens são iguais. A igualdade leva a mediocridade e sair dessa mediocridade é uma questão central para Nietzsche, assim como construir um novo tipo de homem, não contaminado pelos padrões da moral cristã.

Nietzsche faz uma crítica à metafísica, em relação à dualidade entre o mundo físico e o mundo espiritual, que está fortemente ligada à religião e, conseqüentemente, ao Deus cristão, dualidade essa que ele atribui principalmente à filosofia de Platão. Segundo ele essa dualidade constitui um erro e faz com que o homem se prenda a ilusão de felicidade e perfeição no além, a idéia de recompensa no céu, que o faz abrir mão dos seus desejos e viver uma vida de infelicidade e negação.

A religião cria a dualidade de céu e inferno, de bem e mal, certo e errado, e assim por diante. Valores esses que são impostos ao homem sem uma reflexão, junto com a idéia de pecado, segundo Nietzsche os cristãos criaram uma dualidade entre o bem e o mal, mas em verdade essa dualidade é uma convenção social a

qual os homens superiores¹ devem se colocar além, ou melhor, para “além do bem e do mal”.

Em toda parte onde encontramos uma moral encontramos uma avaliação e uma classificação hierárquica dos instintos e dos atos humanos. Essas avaliações e classificações são expressões das necessidades de uma comunidade de rebanho: é aquilo que aproveita que é útil ao rebanho. A moralidade é o instinto gregário do indivíduo. A autenticidade não é para todos, sua acompanhante é a solidão (NIETZSCHE, 2002).

Para Nietzsche há dois tipos de homem: o forte (ou superior) e o fraco (ou escravo). O fraco possui uma identificação com a maioria, expressa por uma moral de rebanho, na amarga retórica dos cativos, e é da moral dos fracos que devemos nos precaver, pois ela atribui todas as desgraças do mundo e da sua vida aos outros. O fraco tem dificuldade para assumir a sua responsabilidade pessoal (atributo apenas dos fortes), ele se torna medíocre, pequeno, de alma estreita e transfere a causa dos seus fracassos a tudo o que está além e acima dele (em Deus ou no diabo, nos nobres, no senhor, no patrão, etc.).

O sentimento melindrado do rebanho, expressão coletiva do ordinário e do baixo, volta-se então contra o que se destaca, para o excepcional, acusando-o com dedos numerosos e trêmulos de não ter fracassado e sucumbido na vida como os demais. Condena igualmente ‘as paixões que dizem sim’: a altivez, a alegria, o amor do sexo, a inimizade e a guerra - enfim, ‘tudo o que é rico e quer dar, gratificar a vida, dourá-la, eternizá-la e divinizá-la - tudo o que age por afirmação’. (NIETZSCHE, 2007. 479).

Segundo Nietzsche o fraco representa o homem sem vigor, excitável apenas com o contato com a vida alheia, o qual desenvolve técnicas de vingança que constituem sua única manifestação de poder ao tentar se apropriar do desejo do forte, forçando uma intimidade, porque acredita que só o contato com o forte pode salvá-lo de sua infelicidade.

O escravo está sempre buscando o responsável por seus sofrimentos. Como é possível para alguém que olha para o mundo à caça de culpados sequer simular um ar altivo? Tal pessoa é capaz de muitas coisas menos de assumir, de modo convincente, um ar distante, calmo, afável. O escravo

¹ Termo empregado por Nietzsche ao se referir a homens fortes que eram contra os valores impostos pela sociedade.

precisa do outro para medir-se; gosta de pequenos segredos, intrigas, coisas escondidas em geral (como vampiro que teme a luz do sol, que só tem forças para viver à noite) (NIETZSCHE, 2002).

Mas o homem fraco constitui um perigo para os fortes, pois o fraco com seu discurso é capaz de enfraquecer todos os que estão a sua volta.

Por todos os lados a atmosfera de um manicômio, de um hospital, em todas as partes do mundo civilizado. Os doentes são o maior perigo para a humanidade; não os maus. Os desgraçados, fracos, os vencidos, os impotentes são os que minam a vida, envenenam e destroem a confiança. O fraco tem ódio do forte. Pensa: Ah! Se eu pudesse ser outro. E inventa mentiras, calúnias para não confessar seu ódio. O fraco tem a eloquência nos lábios (NIETZSCHE, 1991).

Através da moral dos escravos Nietzsche expõe o problema do niilismo², que passa a integrar a sociedade, ao por em questão os valores impostos pela religião cristã. A vontade de potência³ seria a solução para o caos e a falta de referência que o homem moderno vai passar, ele buscará uma força que dê sentido a sua vida e possa expressar o seu eu.

Deste modo ele vai propor uma reflexão aos padrões morais e uma busca por uma educação que permita dar expressão ao tipo superior de homem, que possa fazer fluir a afirmação do próprio homem e das suas vontades, afirmando a vida e negando a metafísica.

2 A METAFÍSICA COMO DETRIMENTO DA MORAL MODERNA

Proveniente de uma família protestante, Friedrich Wilhelm Nietzsche, nasceu em 15 de outubro de 1844, na cidade de Rocken, na Prússia, teve uma orientação protestante e chegou a estudar teologia e ser conhecido como pequeno pastor, mas essa orientação foi gradualmente sendo substituída por uma visão

² Termo empregado por Nietzsche para designar o que considerou como o resultado da decadência européia, a ruína dos valores tradicionais consagrados na civilização ocidental do séc.XIX.

³ Vontade de potência: A vontade de poder (pó potência, em outras traduções) é a força criativa. Ela é ao mesmo tempo negativa (ao denunciar os enganos morais da civilização) e positiva (ao propor-nos a libertação seguida da recriação).

ateísta da vida que o levou a ser chamado de o “anticristo”. Em consequência dos seus questionamentos sobre a fé e a moral cristã, nasceu um filósofo que mais tarde se intitularia “homem dinamite”.

Conheço a minha sina. Um dia, meu nome será ligado à lembrança de algo tremendo – de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciência, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, querido. Eu não sou um homem, sou uma dinamite (NIETZSCHE, 2008,p.102)

Nietzsche inscreveu-se em Teologia na Universitat de Bonn, mas posteriormente optou pela Filologia Clássica. Dentre outros assuntos estudou Platão, ao qual dirigiu algumas de suas críticas no âmbito moral, acusando ele de criar a ilusão de um além e de ser um dos responsáveis pela transposição dos valores.

Nietzsche acredita que a civilização grega pré-socrática seria o grande modelo da exaltação da vida, qualidades como a coragem seriam elementos primordiais para a concretização desta grande civilização, que dizia sim a vida. O segredo para esta vida repleta de exaltação seria o espírito dionisíaco, como símbolo da saúde, instinto, paixão e harmonia com a natureza. Para Nietzsche o espírito dionisíaco que habitava a antiga Grécia era formado pelo devir, pela dança provocante da paixão aonde tudo flui, é um constante construir e destruir, representando o movimento da vida.

Platão com a sua enorme arrogância busca compreender a vida através da razão e com isso os instintos, a harmonia com a natureza, a liberdade, e as paixões são deixadas de lado. Platão, segundo Nietzsche é símbolo da decadência, porque erra ao valorizar mais o outro mundo, do que o presente, chamado de mundo das idéias, o que leva a uma depreciação do mundo físico em que vivemos denominados por Platão de mundo sensível.

Nietzsche crítica o dualismo platônico e o indica como causador da transposição dos valores da nossa cultura. Ele ataca a metafísica platônica por dar ênfase à alma e considerar o corpo como sua prisão, observa na figura de Sócrates, mestre de Platão, o responsável por formar conceitos e impor esses conceitos como sendo verdades. Assim Nietzsche faz uma analogia entre o pensamento de Platão e

a moral cristã, afirmando que o cristianismo não passa de um platonismo para o povo.

Não sejamos ingratos para com eles, embora se deva admitir que o pior, mais persistente e perigos dos erros até hoje foi um erro de dogmático: a invenção platônica do puro espírito e do bem em si (...) – Mas a luta contra Platão, ou, para dizê-lo de modo mais simples e para o ‘povo’, a luta contra a pressão cristão-elesiástica de milênios – pois cristianismo é platonismo para o ‘povo’ (NIETZSCHE, 2005, p.7).

Ao afirmar que o cristianismo é um platonismo para o povo Nietzsche expõe sua crítica à metafísica que possui um caráter alienante, ao valorizar a alma em detrimento do corpo. Sendo assim o cristianismo passou a integrar o dualismo metafísico platônico, deixando mais forte a ideia de alma eterna, da razão e do sobrenatural, fazendo com que o homem cristão busque soluções para seus problemas dirigindo-se a Deus e vangloriando a alma no lugar do corpo, Sócrates e Platão não davam o devido valor à vida terrena, como mostra a seguinte afirmação:

Em todos os tempos os sábios fizeram o mesmo juízo da vida: ela não vale nada... Sempre em toda parte ouvimos sair da sua boca a mesma palavra – uma palavra repleta de dúvida, de melancolia, repleta de cansaço da vida, repleta de resistência contra a vida. Mesmo Sócrates disse ao morrer. ‘Viver - é estar há muito tempo enfermo: devo um galo a Esculápio libertador’. (NIETZSCHE, 1976, p. 14).

Portanto, o resultado dessa imposição e valorização do além e desvalorização do mundo terreno foi o enfraquecimento das energias vivificantes do homem, especialmente das suas elites, na medida em que o "doentio moralismo ensinou o homem a envergonhar-se de todos os seus instintos". Essa inversão de valores morais triunfou na história por meio do cristianismo.

2.1 A Crítica Nietzscheana a Filosofia Socrática e Platônica

Para Nietzsche a civilização grega pré-socrática representa com bastante entusiasmo a comemoração ao espetáculo da vida, mostrando coragem ao aceitar o destino e exaltando os valores vitais, de uma forma sublime os pré-socráticos da

Grécia Antiga disseram sim a vida, é a perfeita imagem da força instintiva, originalidade e paixão sinônimos do perfeito equilíbrio entre as vontades humanas e da natureza.

Sócrates aparece como a figura da razão, dominar os desejos do homem segundo o viés da racionalidade, julgar o que é certo ou errado, dizendo não aos impulsos, sendo considerado por Nietzsche como símbolo da decadência, segundo Giovanni Reale “Sócrates e Platão são sintomas de decadência, os instrumentos da dissolução grega, os pseudogregos, os antigregos” (REALE; ANTISERI, 1991, p.427).

Sócrates e Platão tinham sintomas de decadência, eram contra a vida, pois não a respeitavam, ao proclamar a razão e criticar os instintos não permitiam ao homem agir segundo a sua natureza privando-o de vários prazeres.

O caso de Sócrates representa um erro; toda a moral de aperfeiçoamento, inclusive a moral foi um erro. Buscar a luz mais viva, a razão a todo preço, a Vida clara, fria prudente, consciente, despojada de instintos e em conflitos com ele, foi somente uma enfermidade, uma nova enfermidade e de maneira alguma um retorno a virtude, a saúde e a felicidade. Ver-se obrigado a combater os instintos é a fórmula da decadência, enquanto na vida ascendente, felicidade e instinto são idênticos. (NIETZSCHE, 1976, p. 19).

Essa afirmação constitui uma crítica à metafísica, a vida moral sem erros, buscar a verdade a qualquer preço, vivendo em um mundo de dualidade, como se só pudesse existir o bem separado do mal ou a vontade de verdade da vontade de engano ou simplesmente a ação desinteressada do egoísmo, sobre a imposição metafísica no homem, Nietzsche coloca que: “Os mais descoloridos entre os descoloridos fizeram-se senhores dele; os senhores metafísicos os albinos de pensamento”. (NIETZSCHE, 2005, p.29).

Este modo de julgar constitui o típico preconceito pelo qual podem ser reconhecidos os metafísicos de todos os tempos; tal espécie de valoração está por trás de todos os seus procedimentos lógicos; é a partir desta sua ‘crença’ que eles procuram alcançar o ‘saber’, alcançar algo que no fim é batizado solenemente de ‘verdade’. A crença fundamental dos metafísicos é a crença nas oposições de valores. (NIETZSCHE, 2005, p.10).

Nietzsche é um filósofo que não aprecia os dualismos, tampouco uma definição de algo estereotipado. Para ele o desrespeito ao corpo e a exaltação da alma constituem sinônimos da não valorização da vida. Mauro Araujo de Sousa observa que:

O corpo é a grande razão. Toda a luta no corpo é para um 'a mais' de vida, para mais força. Disso podemos compreender corpo como vontade de Potência e a filosofia de Nietzsche como altamente experimental, com valores que servem a vida, o valor dos valores, vida enquanto referencial de todos os valores, porque vida enquanto Vontade de Potência. Nesse sentido é que podemos superar a nós mesmos e deixar de ser metafísicos, racionalistas, racistas, alienados deste mundo no além. Devemos construir nossos valores assentados em nossas experiências vitais com relação ao corpo como a nossa maior riqueza e o mundo como aquele que proporciona essa riqueza, a nossa própria vida terrena, a única que temos e livre de qualquer especulação de ordem metafísica. (SOUSA, 2009, p.24).

Em nome do corpo Nietzsche trava uma luta contra o platonismo, responsável, segundo ele, pela contraposição de valores e por formar homens fracos, submissos ao sentimento de culpa, desejosos de salvação e de uma vida feliz em outro mundo, no entanto ele valorizaria mais a sua vida se seguisse seus instintos e não tivesse medo da ideia de pecado.

O único argumento definitivo que, desde, sempre, evitou que os homens absorvessem um veneno, não é o temor que mate, mas que tenha gosto ruim. Se só executássemos as ações que não deixam a consciência pesada, o mundo dos humanos seria ainda muito feio e velhaco, mas seria menos doentio e deplorável do que é hoje, - houve desde sempre muitos homens maus sem consciência, mas houve também muitos homens bravos e bons, a quem faltava o sentimento de alegria que a boa consciência proporciona (NIETZSCHE, 2007, p 36).

2.2 A Visão Nietzscheana da Moral Cristã

É em nome do homem grego do século VI a.C, que é afirmador da vida, que Nietzsche anuncia a “morte de Deus”, ataca o cristianismo e o acusa de ser o grande manipulador que envenenou a humanidade moderna. Pois, as pessoas que seguem a razão e a religião são dominadas pelo sentimento de culpa e tem os seus desejos aprisionados, como observa Nietzsche:

O sentimento de culpa em relação à divindade não parou de crescer durante milênios, e sempre na mesma razão em que nesse mundo cresceram e foram levados às alturas o conceito e o sentimento de Deus. (NIETZSCHE, 1998, p.7).

Deste modo, Nietzsche reforça que o sentimento de devoção a Deus vem acompanhado do sentimento de culpa, culpa essa que adocece o homem e envenena a sua alma, impedindo o homem de seguir seus desejos e impulsos com receio de não poder desfrutar de uma felicidade plena no além. Nietzsche propõe-se a serviço de recobrar a vida e transformar todos os valores, especialmente do cristianismo, tentando através de seu pensamento transformador libertar o homem da alienação socrático-platônico.

Não há que embelezar nem adornar o cristianismo. Sustentei uma 'guerra de morte' contra esse tipo superior de homem, censurei todos os seus instintos fundamentais desse tipo, destilei de todos esses tipos o mal, o mau; o homem forte como tipo de 'réprobo', o homem réprobo. O cristianismo defendeu tudo o que é fraco, baixo, pálido, fez um ideal da 'oposição' aos instintos de conservação da vida potente. (NIETZSCHE, 2005, pág. 16)

Através dessa afirmação pode-se observar o desprezo de Nietzsche a essa sociedade que possui valores "decadentes" impostos pelo platonismo e cristianismo, aponta como saída dessa alienação uma reestruturação da moral moderna. Para que isso aconteça ele utiliza a subversão dos conceitos para mostrar que nada é o que parece ser e que não temos certeza de nada, pois tudo pode ser falseável, nada é unívoco, tudo é plurívoco.

(...) é tempo afinal de substituir a pergunta kantiana 'como são possíveis juízos sintéticos a priori?' por uma outra pergunta: 'por que a crença em tais juízos é necessária?'- ou seja de conceber que para fins de conservação da essência de nossa espécie tais juízos tem de ser acreditados como verdadeiros: como o que naturalmente, poderiam ainda ser juízos falsos! Para dizê-lo mais claramente, e de modo mais grosseiro e radical: Juízos sintéticos a priori não deveriam, de modo algum, 'ser possíveis': não temos nenhum direito a eles, em nossa boca são juízos falsos (NIETZSCHE, 2005, p.17).

Nietzsche não busca, uma ideia pronta dada como verdade nem um domínio transcendente a dois valores opostos, ele nega essa oposição acreditando

que a oposição nada mais é que produto do ressentimento dos fracos, uma vez que acreditar em uma dualidade dos conceitos é sinal de decadência. Para Nietzsche não existem apenas juízos falsos ou verdadeiros, do mesmo modo que não podemos afirmar que determinado conceito seja superior ao outro, pois seria um engano, “Por exemplo, que o determinado tenha mais valor que o indeterminado, a aparência menos valor que a verdade” (NIETZSCHE, 2005, p.11), fazer tais avaliações seria nada mais que *niaiserie* (tolice), segundo Nietzsche:

Renunciar aos juízos falsos equivale a renunciar à vida, negar a vida. Reconhecer a inverdade como condição de vida: isto significa, sem dúvida, enfrentar de maneira perigosa os habituais sentimentos de valor; e uma filosofia que se atreve a fazê-lo se coloca, apenas por isso, além do bem e do mal. (NIETZSCHE, 2005, p.11).

Nietzsche propõe uma filosofia que seja para além do bem ou do mal, ou seja, o surgimento de um novo tipo humano que esteja acima de conceitos prontos e de verdades absolutas. A filosofia nietzschiana afirma que não existem leis gerais, nem conceitos universais, pois todo ser humano é diferente na sua natureza e essência. Ele é contra a ideia de que os homens são iguais, tão difundida pela ética cristã, para ele os homens não são iguais e não podem ser tratados como tais. Ao contrário, há dois tipos de homens: os fortes e os fracos. Os fortes são os que não se deixam dirigir, manipular, enganar, criam seus próprios valores e afirmam a vida, através de seus atos, autênticos e destemidos. Já os fracos são o oposto do forte, estão sempre se medindo pelos demais, são manipulados e seguem os demais como ovelha não tem iniciativa própria, vivem na sombra do forte porque precisam do outro para se medir.

A modernidade traz consigo uma distinção entre o bem e o mal, mas segundo Nietzsche isso não deve ser levado em consideração, pois o tipo ideal de homem é o homem forte, que se coloca para além dos valores estabelecidos, para além da dualidade, para além de uma verdade dada, enfim, “para além do bem e do mal”.

2.3 A Origem do Bem e do Mal na Sociedade Ocidental

A crítica nietzschiana à modernidade vai além da metafísica e da religião, ela engloba o campo da moral, ele inicia sua crítica à moral moderna, desenvolvendo a questão das palavras e conceitos feitos pela tradição, o princípio moral por excelência em Nietzsche reside em “para além do bem e do mal”, questão do bem e do mal sempre inquietou o filósofo.

Por um escrúpulo que me é peculiar, e que confesso a contragosto – diz respeito a moral, a tudo que até agora foi celebrado na terra como moral - , escrúpulo que surgiu tão cedo em minha vida, tão insolitado, tão incontido, tão em contradição com o ambiente, idade, exemplo, procedência que eu quase poderia denominá-lo meu ‘a priori’ – tanto minha curiosidade quanto minha suspeita deveriam logo deter-se na questão de onde se originam verdadeiramente nosso bem e nosso mal. De fato quando já era um garoto de treze anos me persegui o problema da origem do bem e do mal: a ele dediquei, numa idade em que se tem ‘o coração dividido entre brinquedos e Deus’ minha primeira brincadeira literária, meu primeiro exercício filosófico.(NIETZSCHE,1998, p.9)

Para Nietzsche, a sociedade moderna fez a dicotomia entre o bem e o mal, assim como verdade e falsidade, segundo o pensador se a cultura faz essa diferenciação deveríamos pensar então na duplicidade da moral, ou numa vontade de potência forte ou fraca. Segundo ele a moral superior, ou seja, a moral construída pelo super-homem⁴, não seria além a conceitos tradicionais.

Vale ressaltar que para Nietzsche, para além do bem e do mal, não é o mesmo que para além do bom e ruim, o bom e ruim, são valores novos impostos por uma cultura tradicional e decadente, sua intenção é a negação dos valores e leis estabelecidas. O que ele tenta nos mostrar é que esta oposição entre bem e o mal vem causando separação entre as pessoas por puro engano, ou seja, o filósofo, tenta esclarecer que não devemos nos apegar a essa contradição, mas temos que nos colocar para além dela e assim superarmos todos os valores impostos pela sociedade moderna.

O pensamento de Nietzsche constitui uma crítica a cultura ocidental, envenenada por uma moral que dá ênfase a alma, a razão e ao espírito e

⁴ Super-homem ou Übermensch é aquele que supera a moral estabelecida, assume sua condição de criador da vida, livra-se da culpa e vai para além dos paradigmas.

desvaloriza tudo o que é corpóreo. O racionalismo⁵ atrofiou a vida humana, associando a verdade com o bem e a mentira com o mal, esta atitude condenou o que é natural e privou o ser humano dos seus instintos. O Cristianismo herdeiro do platonismo é o grande responsável pela imposição de valores, Nietzsche afirma que: “Pretendo eu que todos os valores que servem hoje a humanidade para compreender os seus mais elevados desejos, são valores de *décadence* (decadência)” (NIETZSCHE, 2005, p.16).

O espírito puro é a mentira pura. Enquanto o sacerdote passar por uma classe ‘superior’, o sacerdote, esse negador, esse caluniador, esse envenenador da vida ‘por ofício’, não há respostas à pergunta: o que é verdade? A verdade voltou-se de pernas para o ar, se o consagrado advogado do nada e da negação passa por ser o representante da verdade. (NIETZSCHE, 2005, p.19)

Nietzsche acusa os sacerdotes de impor verdades irrefutáveis, defendendo apenas uma ótica, determinado o homem a seguir uma moral, uma virtude e uma boa consciência e é exigido que nenhuma “outra” espécie de ótica tenha valor, Nietzsche é contra este instinto teológico, pois apresenta uma forma de falsidade.

O que um teólogo tem por verdadeiro ‘deve’ ser falso: é este quase um critério de verdade. O seu mais baixo instinto de conservação é o que lhe proíbe por a realidade a claro, ou conceder-lhe a palavra num ponto qualquer. Onde quer que alcança a influencia teológica, estão transtornadas as ‘avaliações’ ou necessariamente invertidos os conceitos ‘verdadeiro’ e ‘falso’; ‘verdadeiro’ é, aqui, aquilo que é mais pernicioso para a vida; o que a eleva, a realça, a afirma, a justifica, a faz triunfar; chama-se ‘falso’ (NIETZSCHE, 2005,p.20).

Nietzsche observa que o poder da religião cristã concentra-se nas mãos dos sacerdotes, que apresentam sintomas decadência em sua essência, eles têm por interesse vital transformar a sociedade em algo doente e implantar as noções de bom e mau, de verdadeiro e de falso, implantando vários padrões na sociedade.

⁵ Doutrina que privilegia a razão dentre todas as faculdades humanas, considerando-a como fundamento de todo conhecimento possível.

A sua noção transforma-se em instrumento nas mãos sacerdotais, que interpretam agora toda a felicidade como uma recompensa, toda a desgraça como um castigo pela desobediência para com Deus, como um 'pecado': a mais enganadora maneira de interpretar uma pretendida 'lei moral universal' com que se inverte de uma vez para sempre o conceito natural de 'causa' e de 'efeito'. (NIETZSCHE, 2005, p.38)

O filósofo afirma que fomos conduzidos a termos como consequência, expresso em uma recompensa por nossas ações benéficas ou um castigo por nossos erros. Nossas atitudes estão em contínua observação pela moral cristã, o que impede o homem de agir segundo sua vontade e o faz agir contra a sua natureza. A figura do sacerdote representa uma metamorfose de valores da moral cristã, valores que se designavam a Deus passou a ser representado na imagem do sacerdote. O sacerdote despreza a natureza, pois "toda a exigência inspirada pelo instinto de vida, numa palavra, tudo o que tem seu valor em si, é desprezado por princípio tornando contrário ao seu valor pelo parasitismo do sacerdote (ou da 'ordem moral do um universo')". (NIETZSCHE, 2005, p.40).

Aí tendes os benefícios do cristianismo! – O parasitismo, única prática da igreja sugando com o seu ideal de anemia e 'santidade', o sangue, o amor, a esperança da vida; e mais além a negação de toda realidade; a cruz, contra-senha para a mais subterrânea conspiração que jamais existiu, conspiração contra a saúde, a beleza, retidão, o valor, o espírito, a 'beleza da alma', 'contra a própria vida'. (NIETZSCHE, 2005, p.92).

Ao comparar o sacerdote com o parasita Nietzsche faz uma relação, com aquele que vive tirando do outro toda a sua nutrição até que fique fraco, o sacerdote tira do homem a sua vontade de viver, vivendo o tempo todo sobre a mira do pecado e das punições, sobre esta perspectiva Nietzsche entende que:

O sacerdote despreza, 'profana', a natureza: só por esse preço existe. A desobediência a Deus, isto é, ao sacerdote, à 'lei', chama-se agora 'pecado', os meios de 'reconciliar-se com Deus' são, como é justo, meios que asseguram ainda mais profundamente a submissão ao sacerdote; só o sacerdote 'salva'... Examinados psicologicamente, em toda a sociedade organizada sacerdotalmente, os 'pecados' tornam-se indispensáveis: são propriamente os instrumentos do poder, o sacerdote 'vive' pelos pecados, tem necessidade de que se 'peque'... Princípio supremo: 'Deus perdoa ao que faz penitência', ou, por outro modo: 'ao que se submete ao sacerdote'. (NIETZSCHE, 2005, p.41)

Segundo o filósofo, o homem foi reduzido a uma pessoa pessimista que não expõe suas vontades e desejos, deixando a falta de coragem dominar suas ações e entristecer a sua vida. Para que a vida tenha a sua alta valorização o homem deve procurar o caminho da felicidade, que deve ser nítido, e abandonar um sistema milenar que mascara há milhares de anos a realidade, renunciar as leis, normas e valores impostos por uma cultura cristã, que transformou a vida humana em um imenso labirinto. A felicidade consiste em encontrar o caminho da saída deste labirinto e desacorrentar o homem.

O que é bom? – Tudo quanto aumenta ao homem o sentimento de poder, à vontade para o poder, o próprio poder. O que é mau? – Tudo o quanto procede de fraqueza. O que é a felicidade? – O sentimento com que o poder se ‘engrandece’, com que se vence uma resistência. ‘Não’contentamento, senão mais poder, ‘não’ paz antes de tudo, senão guerra; ‘não’ contentamento senão mais poder; ‘não’ paz antes de tudo senão guerra; ‘ não’ virtude, senão valor, virtude (no estilo do renascimento; virtú, virtude desprovida de impostura).Pereçam os fracos e os fracassados: primeiro princípio de nosso amor ao homem.E até cumpre ajudá-los a desaparecer.O que é mais nocivo do que qualquer vício?- A piedade da ação com os fracassados e com os fracos: - o cristianismo. (NIETZSCHE, 2005 p. 14).

Essa afirmação exprime a crítica nietzschiana aos valores estabelecidos pelo cristianismo. Segundo a leitura de Nietzsche, o cristianismo é o grande responsável, por formar homens presos a valores religiosos, ações estas que aprisionam a liberdade humana, a religião deixa o homem deprimido, nesse sentido Nietzsche propõe para a educação a tarefa de superação deste homem baseada na exaltação da vida, porém observa que os homens já foram instruídos erroneamente, e aquele que deveria ter aprendido a ser digno da vida, a dar mais valor a sua vida e a si mesmo, a ser mais seguro, contrariamente é uma figura quase que espantosa: O homem foi educado como “a besta doméstica, a besta do rebento, a enferma besta humana – o cristão” (NIETZSCHE, 2005, p.15). Para Nietzsche o conceito de cristão e de moral se encontra fora da realidade sendo causas imaginárias, sobre este ponto o filósofo afirma que:

Só ‘causas’ imaginárias (‘Deus’, ‘alma’, ‘eu’, ‘espírito’, o ‘livre-arbítrio’ – ou também o ‘não-livre’); só ‘efeitos’ imaginários (‘pecado’, ‘salvação’, ‘graça’ ‘castigo’, ‘perdão’, ‘perdão dos pecados’). Uma relação entre os ‘seres’ imaginários (‘Deus,’espírito’, ‘almas’), uma ciência ‘natural’ imaginária

(antropocêntrica; uma falta absoluta do conceito de causas naturais); uma 'psicologia' imaginária (só erros próprios, interpretações de sentimentos gerais agradáveis, por exemplo dos estados do *nervus sympathicus* com o auxílio da linguagem figurada da idiosincrasia religiosa-moral, - 'arrependimento', 'remorso', 'tentação do diabo' 'a presença de Deus'; uma 'teologia' 'imaginária' ('o reino de Deus', o juízo final', 'a vida eterna') (NIETZSCHE,2005,p.26)

O pensamento de Nietzsche sobre a religião cristã, a forma como ele escreveu ou as palavras que usou ao festejar o funeral de Deus, escandalizou a sociedade da sua época, principalmente com sua máxima “Deus está morto”, na qual ele exprime sua crítica a religião cristã.

O conceito cristão de Deus - deus como Deus dos doentes, Deus como aranha, Deus como espírito – é um dos conceitos divinos mais corrompidos que se tem obtido na Terra; até representa, talvez o nível mais baixo na evolução descendente do tipo divino. Deus degenerado em 'contradição da vida', em vez de ser a glorificação dela e o seu 'si'eterno. Declarar a guerra em nome de Deus, à vida, à natureza, à vontade de viver! Deus, á fórmula para todos as calúnias do 'lado de cá' para todas as mentiras do 'lado de lá'. O nada divinizado em Deus, a vontade para o nada santificado. (NIETZSCHE, 2005, p. 30).

A afirmação “Deus está morto”, consiste na quebra do quadro e valores morais ligados a religião cristã e seus ideais estabelecidos, quando o homem se liberta desse dogma sai das cadeias do metafísico e do sobrenatural que o próprio homem criou na figura do sacerdote “Dão-me pena esses padres (...), para mim eles são prisioneiros murchos” (NIETZSCHE *apud* REALE; ANTISERI, 1991, p.431).

O conceito de Deus imposto há milhares de anos é responsável pela criação de uma humanidade decadente, enfermiça e decrépita, que carrega consigo a impreciação de possuírem em todos os seus instintos: a doença, a velhice, contradição e a covardia, o cristianismo deixa as pessoas submissas e deixa os seus instintos oprimidos.

Chamo corrompido, quer seja um animal quer seja uma espécie, a um individuo quando perde os instintos, quando escolhe e 'prefere' aquilo que é prejudicial. Uma história dos 'mais elevados sentimentos', dos 'ideais da humanidade' – e é possível que me seja preciso contá-la – daria aproximadamente a explicação da causa pela qual o homem se acha tão corrompido. A própria vida é para mim o instinto do crescimento, da duração, da acumulação de forças, de 'potência', onde falta a vontade de

poder, existe degeneração. E eu pretendo que esta vontade ‘falte’ em todos os valores superiores da humanidade – que reinam sobre os mais sagrados, valores de degeneração, valores niilistas.⁶(NIETZSCHE,2005,p.17)

Para Nietzsche o homem deve buscar sair dessa proibição, ser livre para exercer toda a sua humanidade, desprendendo-se das normas, regras e amarras que privam as ações humanas. Nota-se a ideia que Nietzsche tem sobre a religião cristã, como sendo uma ideia absurda, grosseira e mentirosa, proveniente da nossa imaginação, frutos de homens doentes que prejudicam toda a moral da natureza humana.

O que a humanidade tomou a sério, não é realidade, é pura imaginação, ou, para me exprimir com maior rigor, são mentiras derivadas de mentiras de seres enfermiços, e de tendências profundamente nocivas: todas as ideias de ‘ Deus, virtude pecado, além, verdade, vida eterna’... (NIETZSCHE, 2008).

Somente com a liberdade humana, conseguiremos quebrar os tabus, ser livre para pensar e agir sem medo da felicidade, Nietzsche vê na morte de Deus uma vitória constante sobre nós mesmos, observa como consequência da morte de Deus uma espécie de eclipse solar “como provavelmente ainda não houve sobre a terra”. Os que recebem esta notícia ficam iluminados por ele como uma nova aurora. Nietzsche acredita que o ateísmo é uma das formas, que poderá libertar o homem da prisão cristã.

Não considero o ateísmo como resultado, e ainda menos como um fato; pra mim, o ateísmo é forma estrutural de ser. Sou demasiado curioso, demasiado problemático, demasiado orgulhoso, para contentar-me com respostas grosseiras. Deus é uma resposta grosseira, uma indelicadeza para nós outros pensadores: no fundo é simplesmente grosseira proibição. É o mesmo que dizer-nos: Não deveis pensar!... (NIETZSCHE, 2008, p.25).

O filósofo de Rocken acredita que, ao desmoronar a fé que existe em Deus, imediatamente o mundo inteiro virá junto, com a derrubada da fé Nietzsche acredita que o ateísmo crescerá libertando os homens da prisão cristã. Ao expressar seu repúdio à fé cristã e exaltar aos gritos que “Deus morreu”, o filósofo visa abalar a

⁶ Valores negativistas, apologéticos da vontade do nada (do latim nihil, nada).

fé cristã, muitos o consideravam louco por fazer uma afirmação deste porte, porém entre a multidão houve alguns poucos que começaram a se questionar sobre essas inquietações do filósofo.

Para Nietzsche, na sociedade sempre existiram novas ideias, que divergiram, valores impostos pela sociedade que foram contrariados, como diz o próprio Nietzsche “Quase em toda parte, é a loucura que aplaina o caminho da ideia nova, que condena a imposição de um costume, de uma superstição venerada” (NIETZSCHE, Volume 66, P.8). Ir contra os valores e apresentar novas ideias só poderiam surgir na figura de um louco. Ao afirmar que Deus está morto muitos sentem um vazio e procuram às respostas no próprio Nietzsche, ele será para muitos testemunha principal, porém o filósofo acredita que os próprios seres humanos serão os novos deuses da Terra.

- também os deuses se decompõem! Deus morreu! Deus permanece morto! E nós os matamos! E como nos consolamos, nós os assassinos de todos os assassinos? Aquilo de mais santo e poderoso que o universo possuiu até agora sangrou sob os nossos punhais - quem enxuga de nós esse sangue? Com que água poderíamos nos purificar? Que cerimônia de expiação, que divinos jogos teríamos de inventar? A grandeza desse feito não é demasiado grande para nós? Não teríamos que nos tornar, nós próprios deuses, para apenas parecer dignos deles? Jamais houve um efeito maior – se sempre que tenha nascido depois de nós, por causa desse feito, a história mais elevada do que foi toda história até agora! (NIETZSCHE, Gaia Ciência, aforismo 125: O Homem louco).

Sendo o novo deus da Terra o ser humano deve passar a ter domínio sobre as suas ações, com o fim da metafísica, o homem deve passar a ser senhor da sua vida, Giacóia observa que:

O anúncio, por Nietzsche, da morte de Deus significa o fim do modo tipicamente metafísico de pensar, na medida em que, para ele, o cristianismo, tanto como religião quanto como doutrina moral, constituiu uma versão vulgarizada do platonismo, adaptada às necessidades e anseios das massas populares (GIACOIA, 2000, p.22)

Para Nietzsche a morte de Deus é a sentença alegórica da perda da metafísica, com isso ele visa aniquilar a oposição entre, bem e mal, realidade e aparência, verdade e mentira, que tem como significado a interrupção do

conhecimento verdadeiro, numa visão nietzschiana o conhecimento é resultado das projeções de nossos impulsos e anseios.

Ao pronunciar “a morte de Deus”, Nietzsche não pronuncia a morte de Jesus, para ele “Cristo é o homem mais nobre”; “o símbolo da cruz é o símbolo mais sublime que já existiu”, Nietzsche faz uma diferenciação entre Jesus e o cristianismo (‘o cristianismo é algo profundamente diferente do que o fundador quis e fez’), para o filósofo o cristianismo se transformou em igreja. O filósofo explica a história do cristianismo, onde afirma que tudo não passa de um grande engano, pois só existe um único cristão e esse morreu na cruz. Tudo o que vem depois dele Nietzsche chama de dysangelim⁷, ou seja, má notícia veja o que Nietzsche afirma.

Volto atrás, a refletir a verdadeira história do cristianismo. A palavra ‘cristão’ é já um equívoco; no fundo só existiu um cristão e esse morreu na cruz. O Evangelho “ morreu na cruz . O que desde então se chamou de ‘Evangelho’era já o contrário do que Cristo havia vivido: uma ‘má mensagem’, um Dysangelim. (NIETZSCHE,2005,p.54).

Ao afirmar que só existiu um único Cristo Nietzsche observa que a vida livre almejada pelas pessoas que seguem esses princípios não é possível, ele lembra das mudanças que a nossa sociedade passa constantemente, as regras e princípios deixados pelo cristianismo, não são os mesmos deixados por Cristo, e sim impostos pelos teólogos do cristianismo, falsos valores, falsos princípios, ensinamentos repassados como sendo uma verdade absoluta e final, que devem ser seguidos para alcançar o céu e a paz eterna, diz Nietzsche “De fato não houve nunca cristãos, o ‘cristão’, o que há mais de dois mil anos se chama cristão, não é outra coisa do que um erro psicológico cometido numa pessoa” (NIETZSCHE, 2005, p.54).

Na obra O Anticristo Nietzsche concretiza seu pensamento crítico acerca da moral cristã com as seguintes palavras:

Termino aqui e pronuncio o meu juízo. Eu ‘condeno’ o cristianismo; faço contra a igreja cristã a mais terrível das acusações que nunca acusador nenhum pronunciou. É para mim a maior corrupção imaginável. A igreja

⁷ NIETZSCHE forma este composto com o prefixo grego oposto a Ey. Dys- Angelim significa infeliz, desgraçada notícia – Ey- Angelim, boa nova.

cristã não economizou a sua corrupção por parte alguma: fez de todo valor um não-valor, de cada verdade uma mentira, de cada integridade uma baixa de alma. (NIETZSCHE, 2005, p.92).

2.4 A Crítica Nietzscheana a Verdades Absolutas

Ao renunciar a metafísica, marcada pelo socratismo platônico e o cristianismo, Nietzsche renuncia também as verdades absolutas, ditadas como padrões a serem seguidos. O filósofo mostra que não existe um sentido singular, genuíno, autêntico das palavras, pois as mesmas não passam de interpretações. As palavras enquanto conceito e definição, segundo o filósofo de Rocken sempre foram impostas pela tradição, Mauro Araujo de Sousa afirma que:

O que é verdade? O que é mentira? Para Nietzsche, tanto a verdade como mentira são perspectivas, interpretações, pontos de vista. Nesse sentido, cada um tem a sua verdade, sendo que a verdade de outrem é que pode ser mentira, porque não é conhecida como verdade, minha verdade. Mas como fica a universalidade da verdade? Simplesmente não existe. Porque não há fatos, há novamente, somente interpretações, e Nietzsche é enfático nisso. (SOUSA, 2009, p.48).

Os metafísicos sempre caminharam nesse caminho, querer algo e no fim batizar solenemente como verdade, Nietzsche é contra essas certezas imediatas, a concepção de verdade ou mentiras não passam de interpretações, sobre este aspecto Nietzsche relata o seguinte:

Ainda há ingênuos observadores de si mesmo que acreditam existir 'certezas imediatas'; por exemplo 'eu penso', ou, como era a superstição de Schopenhauer, 'eu quero': como se aqui o conhecimento apreendesse seu objeto puro e nu, como 'coisa em si', e nem de parte do sujeito nem de patê do objeto ocorresse uma falsificação. Repetirei mil vezes, que 'certeza imediata', assim como 'conhecimento absoluto' e 'coisa em si', envolve uma contradictio in adjectio (contradição no adjetivo): deveríamos nos livrar, de uma vez por todas, da sedução das palavras! (NIETZSCHE, 2005, p.21)

Nietzsche não quer algo pronto, ele caminha para um tornar-se autêntico, devemos construir a "própria casa", tornando senhor de suas atitudes 'cada um deve morar em sua própria casa, construir seus próprios caminhos traçado pelo destino

que toma nomes como: este mundo, esta vida, nosso corpo e tudo quanto é Vontade de potência. Parafraseando as palavras de Mauro Araujo de Sousa, Nietzsche não quer estar junto dos adeptos do além-metafísico, ele é um criador de novas perspectivas, novos olhares para tudo aquilo que foi olhado, com olhos socráticos, platônicos.

Parafraseando as palavras de Giovanni Reale acerca do pensamento de Nietzsche e sobre as razões que levou Nietzsche a condenar o cristianismo; a igreja cristã não deixou nada intacto, fazendo uma inversão, ela fez de cada valor um desvalor, de cada verdade uma mentira, de toda honestidade uma abjeção da alma, e sobre este ponto Reale afirma:

A Igreja, ‘ com seu ideal clorídrico da santidade, vai bebendo ate a ultima gota todo sangue, todo amor e toda esperança de vida’. O além é a negação de toda realidade e a cruz é conjuração ‘contra a saúde, a beleza, a constituição bem-sucedida, a valentia de espírito, a bondade da alma, *contra a própria vida*’. Assim, o que devemos nos augurar senão que este seja o ultimo dia do cristianismo? E ‘a partir de hoje? A partir de hoje, transvalorização *de todos os valores*’, responde Nietzsche. (NIETZSCHE *apud* REALE; ANTESERI - 1991, p .433).

Porém Nietzsche busca uma nova aurora, livre das máscaras metafísicas, sair deste mundo tradicional em que os valores da autoridade são indiscutíveis, buscando sua independência e liberdade, segundo Ciro Mioranza: “Um novo ser se desenha. Uma nova forma de pensar, de agir e de se comportar. Um novo ideal de si diante do outro, um novo ideal de cada um diante da sociedade. Um novo tempo. Uma nova vida” (NIETZSCHE, 2007, p.9).

Ao propor um olhar diferente sobre a tradição, Nietzsche pretende torna-se independente da superstição e do preconceito impostos pela fé cega na religião que fazem parte da moral dos costumes.

O primeiro passo para conseguirmos a liberdade dessa moral tradicional é negar a metafísica, pois a metafísica é a perspectiva de quem não ama esta vida terrena e não segue seus instintos por medo da culpa e do castigo de Deus, conceitos esses passados há milhares de anos, mas que precisam ser revistos, uma vez que a sociedade está em constante mudança.

3 CRÍTICA NIETZSCHIANA A MORAL MODERNA

“A moralidade não é outra coisa que a obediência aos costumes, de qualquer natureza que estes sejam” (NIETZSCHE, 2007, P.8). Costumes estes impostos pela tradição que predominam nas sociedades por um elo histórico, nessa sociedade tradicional consiste a predominação de valores impostos e indiscutíveis, tirando da humanidade o livre arbítrio e o poder de independência e liberdade. As pessoas adquirem o hábito de agir e pensar segundo a sua geração, tornando-se tradicionais, elas acabam estabilizadas não aceitando dúvidas ou questionamentos. Nietzsche assegura que há contradição nas palavras e conceitos impostos pela tradição, pois para ele:

Toda moral é uma contradição ao *laissez aller* (‘deixar ir’), um pouco de tirania contra a natureza e também contra a razão, mas só isso não constitui uma objeção a ela, caso contrário se teria de proibir sempre, a partir de alguma moral, toda espécie de tirania e irracionalidade. O que há de essencial e de inapreciável em toda moral é que é uma coação prolongada (NIETZSCHE, 2005).

O ser humano tem como base moral o comportamento e valores impostos por uma determinada sociedade, para Nietzsche o homem comum é semelhante a um fantoche frente ao que a sociedade lhe impõe como conceitos, leis e normas a serem seguidas, as quais servem para julgar e rotular as ações humanas, como o veredito de certo ou errado, bom ou mal, criando mal estar no homem que se vê obrigado a ir contra a sua vontade para não correr o risco de estar só, sobre moral Nietzsche entende que “É a teoria das relações de dominação sob os quais se origina o fenômeno vida” (NIETZSCHE, 2005, p.24). Segundo Nietzsche:

Todas essas morais que se dirigem á pessoa individual para promover sua ‘felicidade’, como se diz – que são ela, senão proposta de conduta, conforme o grau de periculosidade em que a pessoa vive consigo mesma; receitas contra suas paixões, suas inclinações boas ou más, enquanto têm a vontade de poder e querem desempenhar papel de senhor; pequenas e grandes artimanhas e prudências, cheirando a velhos remédios caseiros e sabedoria de velhotas; todas elas barrocas e irracionais na forma – por que se dirigem a ‘ todos’ por que generalizam onde não pode ser generalizado - (NIETZSCHE, 2005, p.84):

O que Nietzsche quer dizer com essa afirmação é que o homem age de acordo a certas normas de condutas impostas por uma moral, que na verdade é uma longa coação, uma afronta as suas paixões e que trata o homem como escravo de uma moral que o torna escravo de outros, enquanto o faz anular a si mesmo, sufocando suas vontades.

A verdade é que 'os filósofos e moralistas enganam-se a si mesmo, acreditando sair da decadência pelo simples fato de travam guerra contra ela (...); o que eles escolhem como remédio, como âncora de salvação, nada mais é do que uma nova expressão da decadência: transformam a sua expressão, mas não a eliminam. Sócrates foi um equívoco: toda a moral do aperfeiçoamento, inclusive a cristã, foi equívoco (...). A mais crua luz diurna, a racionalidade a qualquer custo, a vida clara, prudente, consciente e sem instintos, em contraste com os instintos, isso era apenas doença diferente – e de modo algum retorno à 'virtude', à 'saúde', à felicidade'. E ainda: 'Sócrates simplesmente esteve longamente doente'. Era hostil à vida 'quis morrer'. Disse não a vida e abriu uma época de decadência que esmaga até a nós. (REALE;ANTISERI, 1991, p.427)

A intenção de Nietzsche é realizar um diagnóstico fiel da situação do homem moderno. Nietzsche não observava o lado positivo do progresso, já que o progresso insistia em preservar os valores impostos pela tradição. Na concepção nietzschiana a civilização grega pré-socrática seria o sinônimo ideal de civilização, já que a mesma era palco da afirmação da vida. Os gregos antigos tinham sua vida baseada no espírito de Dionísio onde a força a virilidade eram elementos essenciais, possuíam a coragem ao aceitar as artimanhas da vida, diziam sim a sua natureza e ao instinto, diziam sim a vida e a festejavam intensamente, Nietzsche, na obra *Miscelânea de Opiniões e Sentenças*, diz que:

Os homens do mundo antigo sabiam melhor se alegrar; nós nos empenhamos em nos entristecer menos, aqueles descobriam sempre novas razões para desfrutar de seu bem-estar e para celebrar festas e nisso colocavam toda a riqueza de sua sagacidade e de sua reflexão; ao passo que nós empregamos nosso espírito na solução de problemas que têm antes em vista realizar a ausência de dor e supressão de fontes de desprazer. No que se refere a humanidade sofredora, os antigos não tentavam esquecer ou fazer brotar seu sentimento, de uma forma ou de outra, para o lado agradável. Desse medo se ajudavam com paliativos, enquanto nós nos agarramos às causas do mal e preferimos, em suma, agir de uma forma profilática. Talvez vamos construir somente as bases sobre as quais os homens irão edificar de novo, mais tarde, o tempo da alegria. (NIETZSCHE, 2007, p.87-88)

Para ele a sociedade do século XIX, herdeiro do progresso do Iluminismo⁸, passa por um período bastante confiante, julgam-se livres da cadeia da ignorância, “afinal, somos devotos do deus logos,⁹ confiantes em sua onipotência.” (NIETZSCHE *apud* GIACOIA, 2000, p.15). Porém, Nietzsche observa que o progresso que deixa a humanidade otimista é o mesmo que lhe sufoca de valores herdados pela tradição.

Juntamente com o progresso reinavam as noções de verdade-falsidade, bem-mal, justiça-injustiça etc. que foram relativizadas por essa sociedade, que seguiam a razão e a moral cristã, então toda a tentativa de negar essa condição representava uma desonestidade intelectual e moral.

A Humanidade ‘não’ representa um desenvolvimento para alguma coisa melhor, mais forte ou mais elevada, como hoje se acredita. ‘O progresso ‘não’ passa de uma ideia moderna, isto é, de uma ideia falsa. No seu valor, o europeu de hoje está bastante abaixo do europeu da renascença. Desenvolver-se ‘não’ significa em absoluto necessariamente elevar-se, realçar fortalecer-se.(NIETZSCHE,2005, p.15).

Segundo o pensador a ideia de progresso não representa necessariamente um conceito positivo, essas ideias foram impostas, Nietzsche explica que durante uma era bem longa da história da humanidade, chamada de pré-histórica, o valor ou não-valor de uma ação era consequência da ação humana, não se considerava a ação em si, nem sua origem, esse período era chamado de *pré-moral*. Nos últimos dez milênios a origem passou ser a principal causa, marcando assim um período que se denominou de moral.

Em vez das consequências, a origem: que inversão da perspectivas! E sem dúvida uma inversão alcançada após longos combates e hesitações! É verdade que com isso uma nova e fatal superstição, uma singular estreiteza de interpretação tornou-se dominante: a origem de uma ação foi interpretada, no sentido mais determinado, como origem a partir de uma intenção;concordou-se em acreditar que o valor de uma ação reside no valor de sua intenção. A intenção como origem e pré-história de uma ação: sob a ótica desse preconceito é que, quase até os dias de hoje, sempre se

⁸ Movimento filosófico, também conhecido como Esclarecimento, Ilustração ou Século das Luzes, que se desenvolveu particularmente na França, Alemanha e Inglaterra no séc.XVIII, caracterizado pela defesa da ciência e da racionalidade crítica, contra a fé e a superstição e ao dogma religioso.

⁹ Logos: palavra grega que significa “palavra”, “discurso” e “razão”; termo que dá origem á palavra lógica e em sentido amplo, é equivalente a racionalidade.

louvou, condenou, julgou e também se filosofou moralmente. (NIETZSCHE, 2005, p.37).

Parafraseando as palavras de Paulo César de Souza, a intenção é apenas uma manifestação que exige uma interpretação, e que por significar coisas demais, nada significa por si, que a moral das intenções, foi um preconceito, uma precipitação. Tanto o cristianismo como os pressupostos socráticos são matrizes dos valores do homem moderno, valores que representam a máxima decadência humana.

Nietzsche observa que devemos superar essa moral “É preciso questionar impiedosamente e conduzir ao tribunal os sentimentos de abnegação, de sacrifício em favor do próximo, toda a moral da renúncia de si” (NIETZSCHE, 2005, p.37). Nietzsche é a favor da ‘contemplação desinteressada’, ou seja, damos muita ênfase ‘para os outros’ e ‘não para mim’, deve-se criar uma consciência tranqüila, longe das amarras da moral. Ao questionar as normas impostas o indivíduo é denominado como imoral, pois possui uma maneira de agir diferente, suas ações são imprevistas e sua maneira de pensar é arbitrária, sobre esta posição Scarlett Marton afirma:

Desse ponto de vista, homem de reputação seria quem possui residência fixa, trabalho estável, caráter intransigente, opiniões inalteráveis, ou seja, o cidadão útil. E quem se recusar a tanto, terá de ser domesticado; será levado a acreditar que age e pensa livremente, mesmo quando se submete a normas pré-estabelecidas. Dando ao indivíduo a possibilidade de escolher e tornando-o, com isso, responsável pelos seus atos, a coletividade vai julgá-los de acordo com as intenções que ele teve ao realizá-los e nunca segundo as situações gerais que os propiciaram. Declina, assim, qualquer responsabilidade pelo seu procedimento e, caso ele faça mau uso da liberdade, reserva-se o direito de puni-lo. (MARTON, 1993, p.58).

Amarras decorrentes de uma única verdade, sobre este ponto Nietzsche afirma: “A crença em “certezas imediatas” é uma ingenuidade moral, que nos honra, a nós, filósofos: não devemos ser homens ‘apenas morais’! Prescindindo da moral, essa crença é uma estupidez que nos honra pouco!” (NIETZSCHE, 2005, p.38), isso não passa de um preconceito moral ao qual atribui como responsável a moral cristã na figura dos sacerdotes.

Nietzsche vê a moral como um dos meios utilizados pela modernidade para dar continuidade ao seu projeto, uma vez que a modernidade converte a moral em uma moral de rebanho, ou seja, usam a moral com o objetivo de manter, assim como a religião, todos sob sua tutela. Nietzsche considera principalmente a civilização europeia como a principal responsável por esta dominação.

Descobrimos que no tocante aos principais juízos morais a Europa se pôs de acordo, e também de países da sua influência: evidentemente se ‘sabe’, na Europa o que Sócrates acreditava não saber, o que a velha e famosa serpente prometeu ensinar: hoje se ‘sabe’ o que é bem e mal. Deve então soar duro e pouco agradável aos ouvidos, se de novo insistimos: o que aqui julga saber, o que aqui se glorifica com seu louvor e seu reproche, e se qualifica de bom, é o instinto do animal do rebanho homem: o qual irrompeu e adquiriu prevalência e predominância sobre os demais instintos fazendo-o cada vez mais, conforme a crescente aproximação e assimilação fisiológica de que é sintoma. Moral é hoje, na Europa, moral de animal de rebanho. (NIETZSCHE, 2005, p.89)

Desta forma, Nietzsche nos diz que a moral é a “máquina usada para dominar os outros”, aprofundando esse pensamento, ele nos apresenta dois tipos básicos de moral, a moral dos escravos e dos senhores. A dos senhores está relacionada aos nobres, aos aristocratas, é a moral do orgulho. Já a moral dos escravos está relacionada aos fracos e injustiçados.

3.1 A Moral do Escravo

Encontram-se estabelecidas duas formas fundamentais da história da moral que representa a vontade de poder entre os seres vivos, denomina-se a relação senhor – escravo é o confronto entre os dominadores e dominados.

Na minha *genealogia da Moral*¹⁰ apresentei, pela primeira vez, psicologicamente, a idéia de contraste entre uma moral nobre e uma moral de *ressentiment*, a última nascida do ‘não’ respeito da primeira: é a moral judaico-cristã por inteiro. Para poder dizer ‘não em resposta a tudo que representa o movimento ascendente da vida, o bem nascido, o poder, a beleza, a afirmação de si sobre a terra, foi preciso que o instinto de *ressentiment* convertido em gênio, inventasse ‘outro’ mundo, por onde

¹⁰ Uma obra polêmica que Nietzsche escreveu em 1887.

aquela 'afirmação' da vida aparecesse como o mal, como a coisa reprovável em si. (NIETZSCHE, 2005, p.37)

A conduta do escravo é dada pelo medo, motivado pela força opressiva da natureza, fazendo com que este homem fraco adquira armas de defesa, estas armas são refletidas na imagem da moral e da religião, tendo controle sobre a natureza.

Na medida em que sempre, desde que existem homens, houve também rebanhos de homens (clãs, comunidades, tribos, povos, Estados, Igrejas), e sempre muitos que obedeceram, em relação ao pequeno número dos que mandaram – considerando, portanto que a obediência foi até agora a coisa mais longamente exercida e cultivada entre os homens, é justo supor que via de regra é agora inata em cada um a necessidade de obedecer, como uma espécie de *consciência formal* que diz: 'você deve absolutamente fazer isso, e absolutamente se abster daquilo', em suma, 'você deve'. (NIETZSCHE, 2005, p.85)

Segundo a afirmação o homem desde sempre foi induzido a obedecer, diz Nietzsche: "A obediência é transmitida mais facilmente como herança em detrimento da arte de mandar" (NIETZSCHE, 2005, p.85). A moral dos escravos perpetua na humanidade tentando persuadir seus ideais universais de fraqueza, covardia e resignação.

Na Europa de hoje o homem de rebanho se apresenta como a única espécie de homem permitida, e glorifica os seus atributos, que o tornaram manso, tratável e útil ao rebanho, como sendo as virtudes propriamente humanas: a saber, espírito, benevolência, diligência, moderação, modéstia, indulgência, compaixão. (NIETZSCHE, 2005, p.86)

Nietzsche é contra essa massa dos medíocres, contra essa moral de rebanho, essa relação tem como base o medo e a enfermidade.

Os impulsos e pendores opostos alcançaram honras morais; passo a passo o instinto de rebanho tira suas conclusões. O quanto de perigoso para a comunidade, para a igualdade, existe numa opinião, num estado de afeto, numa vontade, num dom, passa a constituir a perspectiva moral: o temor é aqui novamente o pai da moral. Quando os impulsos mais elevados e mais fortes, irrompendo passionalmente, arrastam o indivíduo muito acima e além da mediana e da planura da consciência de rebanho, o amor próprio da comunidade se acaba, sua fé em si mesma, como que sua espinha dorsal,

é quebrada: portanto, justamente esses impulsos serão estigmatizados e caluniados. (NIETZSCH, 2005, p.88)

Nietzsche observa na moral dos escravos, também denominada moral do rebanho, que as atitudes fracas marcadas pelo medo, são vistas pela sociedade e pela religião cristã como sinônimas de virtude.

Enquanto a utilidade que vigora nos juízos de valor morais for apenas à utilidade do rebanho, enquanto o olhar estiver dirigido apenas à preservação da comunidade, e for tido como imoral precisamente e exclusivamente o que parece perigoso para a subsistência da comunidade: enquanto assim for não pode haver “moral do amor ao próximo”. Supondo que então já existia um pequeno, constante exercício de consideração, equidade, compaixão, brandura, reciprocidade no auxílio, supondo que também nesse estado da sociedade já atuem todos aqueles impulsos que depois serão honrosamente apelidados de ‘virtudes’ e que afinal quase coincidirão com o conceito de ‘moralidade’. (NIETZSCHE, 2005, p.87).

O escravo, o medíocre, o fraco, cria primeiramente a noção de “mau”, os que possuem atitudes nobres corajosas e mais forte que ele, chegando que “bom” seja o contrário, representado na figura dele mesmo. A moral do senhor, a moral do forte atribui o princípio de “bom” a si mesmo e só posteriormente concebe a noção de “ruim” como “uma pálida imagem – contraste”, segundo Nietzsche:

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e *este* Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto. (NIETZSCHE, 1998, p.28-29)

A afirmação mostra que a moral do ressentimento¹¹ necessita antes de tudo para existir, de um mundo oposto e exterior, sua ação é uma razão. Contrasta-se então que o valor de “bom” da moral dos escravos é diferente do valor de “bom” da moral dos senhores. O valor de “bom” ou de “mal” surgirá do movimento de

¹¹ O ressentimento é o ódio impotente contra aquilo que não pode ser ou não se pode ter. Diz Nietzsche: “O Ressentimento daqueles seres aos quais é negada a verdadeira reação, a da ação, e que, portanto não acham compensação senão em uma vingança imaginária”.

autoafirmação ou da negação e oposição. É válido ressaltar que a visão do bom e do ruim para o homem fraco segundo Nietzsche:

A espiritualidade superior e independente, a vontade de estar só e mesmo a grande razão serão percebidas como perigo: tudo o que ergue o indivíduo acima do rebanho e infunde temor ao próximo apelidado de mau; a mentalidade modesta, equânime, submissa, igualitária, a mediocridade dos desejos obtêm fama e honras morais. (NIETZSCHE, 2005, p.88)

Na medida em que os senhores afirmam: “somos bons, fortes, poderosos, inteligentes, bonitos”, os escravos dizem “eles são maus, então somos bons”, observa Scarlett Marton:

Portanto, ‘mal’ no sentido da moral do ressentimento é precisamente o nobre, o corajoso, o mais forte, é o ‘bom’ da moral dos senhores. A moral dos escravos surge de uma inversão dos valores; seu ato inaugural não passa de reação. Na medida em que o valor ‘mal’ da moral do ressentimento corresponde ao valor ‘bom’ da outra moral, os ressentidos não criam propriamente valores; limitam-se a inverter os que foram postos pelos nobres. (NIETZSCHE *apud* MARTON, 1993, p.54).

Na moral do ressentido as ações dos homens são julgadas conforme o modo pelo qual o indivíduo se relaciona com seu grupo: se o forte é “mal” porque causa temor, o “bom” deve ser aquele de quem não há nada a temer. Na moral dos escravos julgarem o homem pelos seus atos implica dizer que ação poderia acontecer de outro modo, agindo assim o homem retira de si a vontade de poder.

Onde quer que, por qualquer forma, diminua a vontade de poder, há sempre também um retrocesso fisiológico, uma *décadence*. A divindade da *décadence*, castrada nas suas virtudes e instintos mais viris, converte-se então necessariamente no deus dos que acham em um retrocesso fisiológico, no Deus dos fracos. Eles mesmos não se chamam fracos, chamam-se ‘bons’... (NIETZSCHE, 2005 p.28)

Assim o homem fraco, transfigura a sua falta de astúcia em bondade, a inferioridade em obediência, a falta de criatividade em paciência, “preponderância do sentimento de pena sobre o sentimento de prazer é a ‘causa’ dessa moral e dessa

religião fictícias; mas tal excesso dá a fórmula para a *décadence*...” (NIETZSCHE, 2005, p.26).

As características do homem forte são superiores a do homem do ressentimento que é incapaz de aniquilar o forte, por ser impotente para reagir; ao fraco só resta ressentir, o ressentido nunca se admite como tal.

3.2 A Moral do Senhor

Para desprender-se das cadeias e amarras que a falta de coragem, os valores religiosos, morais e a negação da vida impõem, o homem deve mudar seu estilo de vida radicalmente, fazer uma transformação profunda, uma mutação interior.

Toda elevação do tipo ‘homem’ foi, até o momento, obra de uma sociedade aristocrática - e assim será sempre: de uma sociedade que acredita numa longa escala e hierarquias e diferenças de valor entre um e outro homem, e que necessita da escravidão em algum sentido. Sem o *pathos da distância*, tal como nasce da estranha diferença entre as classes, do constante olhar ativo da casta dominante sobre os súditos e instrumentos, e do seu igualmente constante exercício em obedecer e comandar a distância no interior da própria alma, a elaboração dos estados sempre mais elevados, mais raros, remotos, amplos, abrangentes, em suma, a elevação do tipo ‘homem’, a contínua ‘auto- superação do homem’ para usar uma fórmula moral num sentido supramoral. (NIETZSCHE, 2005, p.153)

O homem forte deve deixar de lado o escravo, o medíocre, o ressentido, o fraco, moralista, obediente e religioso, lutar por uma mudança, ser independente, dono de si e consciente de seus atos, livre da religião cristã e dos valores estabelecidos pela sociedade, vivendo feliz e em solidão. O homem forte abdica das conveniências sociais e dos devaneios religiosos para dar início a uma vida independente, longe da exiguidade, em que a massa humana vive e acha comum, indo além dos seus limites ele almeja um ideal superior de poder, Battista Mondin observa que: “a suprema e única norma ética do homem forte é o triunfo da própria personalidade, do próprio eu” (MONDIN, 1981-1983, p.24) esta é a essência do homem forte, ele foge das amarras do “tu deves” para alcançar o “eu quero” violando assim tudo o que a sociedade tem como norma.

O homem de espécie nobre se sente como aquele que determina valores, ele não tem necessidade de ser abandonado, ele julga: 'o que me é prejudicial é prejudicial em si', sabe-se como único que empresta honra as coisas, que cria valores, Tudo o que conhece de si, ele honra: uma semelhante moral é glorificação de si. Em primeiro plano está a sensação de plenitude, de poder que quer transbordar (...) o homem nobre honra em si o poderoso, e o que tem poder sobre si mesmo, que entende de falar e calar, que com prazer exerce rigor e dureza consigo e venera tudo o que seja rigoroso e duro. (NIETZSCHE, 2005, p.153).

A moral dos senhores está relacionada aos nobres, aos aristocratas, moral caracterizada pelo orgulho, e pelo individualismo, o homem nobre busca honrar somente a si mesmo e ao seu poder e os valores quando são criados por si mesmo.

Outro aspecto importante da moral dos senhores é o orgulho, a não compaixão, o acreditar em si mesmo. Nietzsche informa que: "o homem nobre ajuda o infeliz, mas não por compaixão, antes por um ímpeto gerado pela abundância de poder". (NIETZSCHE, 2005, p.156).

Uma tal espécie de homem se orgulha justamente de não ser feito para a compaixão: daí o herói da saga acrescentar, em tom de aviso, que 'quem quando jovem não tem o coração duro, jamais o terá'. Os nobres e bravos que assim pensam estão muito longe da moral que vê o sinal distintivo do que é moral na compaixão, na ação altruísta ou no desintéressement (desinteresse); a fé em si mesmo, o orgulho de si mesmo, uma radical hostilidade e ironia face a 'abnegação' pertencem tão claramente a moral nobre quanto um leve desprezo e cuidado ante as simpatias e o 'coração quente'. (NIETZSCHE, 2005, p.157).

O homem forte tem orgulho de si mesmo e acredita em seu potencial, é contra a renúncia e o sacrifício assim como despreza sentimentos de fraternidade. Este tipo de postura vai contra os valores estabelecidos pela moralidade moderna, pois desde o nosso nascimento já fomos induzidos aos ensinamentos de benevolência, para a religião todas as pessoas são iguais, para o nobre o homem possui suas diferenças alguns sendo superiores outros inferiores.

O que faz uma moral dos dominantes parecer ser mais estranha e penosa para o gosto atual, no entanto é o rigor do seu princípio básico de que apenas frente aos iguais existem deveres; de que frente aos seres de categoria inferior, a tudo estranho- alheio, pode-se agir ao bel-prazer ou

‘como quiser o coração’, e em todo caso ‘além do bem e do mal’ (NIETZSCHE, 2005, p.157)

A moral dos senhores não observa no progresso sinais positivos, para o forte o respeito aos ancestrais é essencial, pois nele existiam o amor pela vida, a sua exaltação e a vontade de viver, é contra abnegação das vontades e o desamor pela vida terrena tão difundidos pela modernidade.

- São os poderosos que entendem de venerar, esta é a sua arte, o reino de sua invenção. A profunda reverência pela idade e pela origem – todo o direito se baseia nessa dupla reverência – a fé e o preconceito e favor dos ancestrais contra os vindouros são algo típico da moral dos poderosos; e quando, inversamente, os homens das ‘ideias modernas’ crêem quase instintivamente no ‘progresso’ e no ‘porvir’, e cada vez mais carecem do respeito pela idade, já se acusam em tudo a origem não-nobre dessas ‘ideias’. (NIETZSCHE, 2005, p.157)

Os senhores criam seus próprios valores, não necessitando da aprovação da sociedade, este é um dos pontos que diferencia a moral dos senhores da moral dos escravos, a primeira é triunfal e afirmadora de si, a segunda é o seu contrário é “um não sou eu”, é uma negação de seus atos, desde modo a moral dos escravos não consegue alcançar o poder em sua plenitude, Nietzsche observa que os nobres não apresentam a compaixão e sim excesso de poder, a compaixão seria um sentimento dos fracos que os impede de alcançar o poder, sobre este ponto é observado que existe uma subversão de valores, o que é considerado virtude pela moral dos senhores, não é tida como o mesmo valor pela moral do rebanho.

O olhar do escravo não é favorável às virtudes do poderoso: é cético e desconfiado, tem finura na desconfiança frente a tudo ‘bom’ que é honrado por ele – gostaria de convencer-se de que nele a própria felicidade não é genuína. Inversamente, as propriedades que servem para aliviar a existência dos que sofrem são postas em relevo e inundadas de luz: a compaixão, a mão solícita e afável, o coração cálido, a paciência, a diligência, a humildade, amabilidade recebem todas as honras. (NIETZSCHE, 2005, p.158).

O sentimento de compaixão, que está presente na moral dos escravos apresenta um caráter que designa honra para a sociedade, já para a moral dos

nobres causa o inverso, o centro da discussão é a oposição entre bom e mau, Nietzsche afirma que:

A moral dos escravos é essencialmente uma moral da utilidade. Aqui está o foco de origem da famosa oposição 'bom' e 'mau' – no que é mau se sente poder e periculosidade, uma certa terribilidade, sutileza e força que não permite o desprezo. Logo, segundo a moral dos escravos é precisamente o 'mau' que inspira medo; segundo a moral dos senhores é precisamente o 'bom' que desperta e quer despertar medo, enquanto o homem 'ruim' é sentido como desprezível. A opressão chega ao auge quando, de modo conseqüente à moral dos escravos, um leve aro de menosprezo envolve também o 'bom' dessa moral ele pode ser ligeiro e benévolo -, por que em todo caso o homem tem que ser, no modo de pensar escravo, um homem inofensivo: é de boa índole, fácil de enganar, talvez um pouco estúpido, ou seja, um *bonhomme* (um bom homem) (NIETZSCHE, 2005, p.158).

Na moral dos escravos o bom homem é aquele que possui boa índole e é fácil de ser enganado, na concepção nietzschiana a moral dos escravos é associada a estupidez “onde quer que a moral dos escravos se torne preponderante, a linguagem tende a aproximar as palavras bom e estúpido” (NIETZSCHE, 2005, p.158).

Outra diferença existente entre a moral dos senhores (nobres) e do rebanho é o desejo de liberdade com sutileza da moral escravo e o jeito arrebatador, com entusiasmo e veneração da moral nobre, enquanto uma apresenta uma forma sutil de lidar com o mundo e consigo mesmo, o outro apresenta um pensamento superior de valoração, características que estavam presentes na aristocracia européia.

Com isso pode-se compreender por que o amor- paixão – nossa especialidade européia - deve absolutamente ter uma procedência nobre: é notório que ele foi invenção dos cavaleiros- poetas provençais, aqueles magníficos, inventivos homens do 'gai saber' (gaia ciência), aos quais a Europa tanto deve, se não deve ela mesma. (NIETZSCHE, 2005, p.158).

Segundo Nietzsche o homem comum, que faz parte da moral do rebanho não cria valores, por que já está acostumado com o que já foi estabelecido pela sociedade, só resta para ele segui-la, de modo correto, pois tem receio de cometer erros, fugindo do julgamento da sociedade, o homem fraco teme a reação das

pessoas diante de suas atitudes, não tem autenticidade para ser dono dos seus atos, espera sempre a aprovação ou a reprovação, Nietzsche dá o seguinte parecer:

O homem comum era somente aquilo pelo qual era tido – jamais habituado a estabelecer valores por si mesmo, tampouco se atribuía outro valor que não o atribuído por seus senhores (o autêntico direito senhorial é criar valores) . Entenda-se como consequência de um enorme ativismo o fato de o homem ordinário ainda hoje esperar uma opinião sobre si, e depois submeter-se instintivamente a ela: mas não somente a uma opinião ‘boa’, em absoluto, e sim também a uma ruim ou injusta. (NIETZSCHE, 2005, p.159)

O homem comum é movido pelo julgamento dos outros sendo assim rotulado não tem autonomia para seguir a vida longe da moral e da religião cristã. Porém, o homem nobre mostra porque é forte, ele é firme em suas decisões e para que isso aconteça o homem terá de ser dotado de requisitos, que o diferenciam, segundo Giovanni Reale:

A moral dos fortes ou dos senhores é a moral do orgulho, da generosidade e do individualismo; a moral dos escravos, ao contrário, é a moral dos ‘filisteus’ ressentidos, é a moral da democracia e do socialismo. E essa moral dos escravos é legitimada por metafísicas que a suportam com bases presumidamente ‘objetivos’, sem que se perceba que tais metafísicas nada mais são que ‘mundo superiores’ inventados para poder ‘caluniar e sujar este mundo’ que ela querem reduzir a mera aparência. (REALE, 1991, 434)

A moral dos senhores é contra essa moral feita para homens fracos que não tem amor a esta vida, que negam seus instintos e são contra o que sua própria natureza oferece moral dos ressentidos que não exprimem seus sentimentos e guardam suas vontades para si, deixando a sua vida apenas um imenso desejo, nunca é movido por ações simplesmente espera as ordens da sociedade, que lhe aprisiona tanto na figura do pecado, como nos atos imorais. Reale observa a postura do homem forte e do fraco:

Aquele que rompe o seu quadro de valores, o violador, o corruptor. Mas este é aquele que cria. E esse ódio, que impediu os instintos mais sadios, isto é, os instintos que ligam o homem á terra (que alegria, a saúde, o amor, a intelectualidade superior etc.), fez com que esses instintos se ‘voltassem para trás’ se revoltassem contra o próprio homem. E assim que, ao invés de se desenvolver externamente e criar um mundo de beleza e de grandes

obras, se desenvolveu-se interiormente, fazendo nascer ' a alma', mas uma alma enferma da doença ' mais grave e obscura'. (REALE, 1991, p.435).

Diante disso surgem alguns poucos, porém fortes, homens que possuem a moral dos nobres (fortes), o forte não tem medo das amarras da sociedade pelo contrário ele luta para se libertar, rompendo o quadro de valores ele vai contra as regras as violando; esse homem também cria novos valores, critica alguns sentimentos como a compaixão, que pertenceria a moral dos fracos por dizer sempre não e exalta alguns que foram condenados pela sociedade, é a favor dos instintos, o amor a vida, observa nos ancestrais a figura do homem forte que não tem medo de lutar pela vida, a coragem.

3.3 A Vontade de Potência como Parte da Crítica Nietzscheana

“Vontade de potência” é um dos termos centrais para entendermos a crítica à modernidade efetuada por Nietzsche, que consiste em mostrar que valores e padrões impostos constituem um cárcere, que a qualquer custo tem a intenção de acorrentar o homem e rouba-lhe a espontaneidade e o aqui e o agora, o êxtase de estar vivo. A problemática de Nietzsche consiste em como libertar o homem das correntes da moral, daí surgem vários questionamentos. Como deve agir em meio a uma moral vigente? Devemos seguir os nossos desejos ou escondê-los, para nos adequarmos aos padrões sociais vigentes?

Surgem várias dúvidas, mas Nietzsche não vem trazer soluções prontas para esses problemas, pois cabe a cada um de nós sermos senhor do seu próprio destino, Nietzsche era contra as respostas prontas e verdades definitivas, não existe a verdade, mas perspectivas sobre a realidade, interpretações, cabendo ao homem ser seu próprio guia, pois afinal “Deus está morto”, cabe ao homem conquistar seu lugar no mundo, tomar as rédeas do seu próprio destino, sem depender nem de Deus nem do Diabo, deixando vir à tona os verdadeiros instintos que regem a vida do homem. “Torne-se o que és”, constitui um dos ensinamentos de Nietzsche para o homem moderno.

Para estabilizar a sua crítica à modernidade Nietzsche vai utilizar como suporte a “vontade de potência”, para explicar como funcionam as pulsões humanas e como nos tornamos encarcerados dos dogmas modernos.

“Vontade de potência” é a expressão usada por Nietzsche para mencionar uma teoria da energética em que o mundo não é mais que uma pluralidade de forças, nem matéria e nem abstração – ‘espírito’. As forças são unidades de ações que se relacionam para formar centros de vontades de potência, onde existe uma hierarquia, aí, há forças que obedecem e forças que mandam. (SOUSA, 2009, p.17).

Segundo Nietzsche “a própria vida é vontade de potência”, ou seja, tudo é pulsão humana, tudo o que é vontade deve colaborar para que ele alcance mais poder, seja por uma inclinação boa ou má, pois o que não pode acontecer é o homem estagnar, o papel da “vontade de potência” é elevar o homem, libertá-lo para que se torne livre, ou seja, dar vazão a sua força e não lutar contra ela, pois assim estará se libertando da opressão, Mauro Araujo de Sousa observa que “as forças que mandam agora depois podem obedecer, e ao contrário também acontece com as mesmas. Trata-se do devir das forças”. (SOUSA, 2009, p.17).

Nietzsche ressalta que os processos da vida tanto conscientes, quanto inconscientes estão em busca da aquisição e do aumento de poder, é uma força criadora ou destruidora, mas sempre se projeta num vir-a-ser, ou seja, num eterno devir. Ela se apresenta sob muitas formas e relações diferentes, organizando-se de modo variado em determinados lugares, podendo assim aparecer em alguns lugares e desaparecer em outros.

E quando uma força dá tudo de si, ela se relaciona com outras forças enquanto força ativa. Quando uma força não dá tudo de si, ela se relaciona com outras forças enquanto força reativa. Quando os centros são dominados pelas ativas, então temos centros de vontades de potência afirmativos; quando não, temos centros de vontades de potência negativos. (SOUSA, 2009, p.18).

A vontade de potência possui formas e relações diferentes, podendo mudar a todo a todo instante, e é essa pluralidade de coisas que constitui o universo. Mas a vontade de potência não pode ser confundida com a vontade de

dominar, pois esse desejo já faz parte de um valor moderno, a vontade de potência será o princípio criador de valores novos.

Portanto, vontade de potência é aquilo que na força se expande por um plus – por um “a mais de força”. Essa é a vontade de potência afirmativa é a característica mesma da vontade de potência, pois aquela que dizemos negativa tende à afirmação frente aos “devires”. (SOUSA, 2009, p.18).

A vontade de potência, segundo Friedrich Nietzsche, não deve ser confundida com o desejo de dominar, pois a vontade de potência está livre de qualquer valor moderno ou não estabelecido, pois parte de um princípio flexível, para o filósofo de Rocken, vontade de potência implica em dizer “criatividade”, “querer”, “avaliar”. Porém no super-homem nietzschiano a vontade de potência se encontra para além e do mal, desprendendo-se das cadeias da sociedade moderna e decadente.

Ao dizer sim a vida, e ao toma-la como vontade de potência, o homem rejeita a metafísica e a moral cristã, desprendendo-se dessas amarras o homem fica atordoada sentindo um grande vazio, já que os valores em que acreditava não fazem mais sentido, com a morte de Deus, o homem moderno percebe que vive em uma mentira, onde todos os valores em que acredita são dados com falso, entrando em desespero, os homens caíram em um estado de Niilismo, sobre este ponto Reale informa que: “O niilismo é ‘a consequência necessária do cristianismo, da moral e do conceito de verdade’. Quando as ilusões se perdem a máscara, então nada resta: o abismo do nada”. (REALE/ANTESERI, 1991, p.435), o que acontece é um sentimento da falta de valores, resultado da decadência européia, a ruína dos valores tradicionais.

Caem assim as ‘mentiras de vários milênios’ e o homem fica sem enganos das ilusões, mas fica só. Não há valores absolutos; aliás, os valores são desvalores; não existe nenhuma estrutura racional e universal que possa sustentar o esforço do homem; não há nenhuma providência, nenhuma ordem cósmica. (REALE; ANTESERI, 1991, p.435).

O niilismo é caracterizado pela descrença do ideal de progresso, implantado no século XIX, já que o mesmo apresentava os caracteres metafísicos,

religiosos, morais e sociais impostos pela tradição. O niilismo nietzschiano evoca o homem a procurar novos valores, que sejam afirmadores da vida e da vontade do homem, vencendo os valores morais vigentes e os princípios metafísicos, se desacorrentando da moral do rebanho, para situar-se “além do bem e do mal”, diz Scarlett Marton:” A travessia do niilismo deve levar a uma superação, ele tem de desembocar num gesto afirmativo, num ‘dionisíaco dizer- sim ao mundo, tal como é’ – a este mundo. (MARTON, 1993, p.68).

A vontade de potência seria esta força afirmadora, que pode fazer o homem progredir ou regredir, o que não pode existir na vontade de potência, é estagnar as forças, pois tem como caráter impulsionar a vida, o homem precisa se superar, ir contra as suas fraquezas, e ir em busca do seu fim: o super-homem.

4 A EDUCAÇÃO COMO FORMA DE CONSTRUÇÃO DO SUPER HOMEM

A modernidade reproduz uma educação que leva o homem a torna-se prisioneiro de leis e valores, e embora se sinta sufocado com esta situação, ele não encontra forças para romper com esse ciclo alienante e opressor. Nietzsche faz um chamamento para que o homem desperte desse estado de alienação e busque sair dessa “prisão”, a fim de dar uma expressão maior a sua própria vida.

O objetivo de Nietzsche é fazer uma crítica da modernidade seguida de uma “transvaloração dos valores”¹², que de maneira geral significa inverter os valores da maioria e criar novos valores, com base em outros parâmetros, transformando aquilo que é tido como bom em mau, e assim por diante, uma vez que muito da mediocridade do homem vem dos valores que lhe são impostos de fora, que não são fruto de um processo interior do homem, mas uma imposição social, daí porque é necessário repensar a metafísica, a religião e a moral. Sair da mediocridade é uma questão chave para Nietzsche, assim como construir um novo tipo de homem não contaminado pelos padrões da modernidade, sobre esta concepção Nietzsche informa:

¹² O prefixo trans de “transvaloração dos valores” ou “transvalorização de todos os valores”, tradução aproximada de *Umwertung aller Werte*, já diz tudo sobre o seu significado dentro do projeto nietzschiano: ir além, superar a moral vigente construída pelo ascetismo, cristianismo etc. Para a maioria dos analistas da obra nietzschiana, a transvaloração é o seu projeto central.

Um excedente de força prova a força. – Uma transmutação de todos os valores, este ponto de interrogação tão negro, tão enorme, que lança sombras sobre aquele que o coloca – um tal destino numa tarefa nos força a cada instante a correr rumo ao sol como se para sacudir uma seriedade tornada demasiado opressiva.(NIETZSCHE, 1976, p.4)

Ir contra a moral imposta é a crítica de Nietzsche, essa é a grande guerra que ele trava em nome da “transvalorização dos valores” fazer uma transformação dos valores que dominaram até hoje. Esse é o seu projeto fundamental, superar os valores vigentes da sociedade era uma obsessão.

O intuito do filósofo alemão é resgatar os valores éticos e morais, para isso ele dá ênfase nos valores individuais, que já foram tão esquecidos pela cultura moderna, a luta nietzschiana consiste em superar a moral do escravo, com o seu contrário; a moral dos senhores, os homens fortes e livres. O projeto nietzschiano é bem extenso, pois ele busca também superar os valores vigentes na religião e na sociedade, como podemos observar no pensamento de Moura e Ferreira sobre a transvalorização dos valores:

Ela trata de um projeto ‘humanístico’ para superar os valores arraigados pelas religiões e pelas estruturas sociais que delas derivam e que culminam em uma experiência de vida que se atualize. O filósofo, então, trabalha o conceito de vida afirmativa, que seria uma série de dinâmicas a se sustentarem em circuitos antropológicos (com valores éticos e morais) visando à afirmação de vida e não à condução de uma ‘não-vida’ (repleta de privações) como acesso a ‘vida eterna’. Contrapondo-se à noção amplamente divulgada e lembrada por religiosos, sem distinção, mas com foco nas doutrinas judaico-cristãs, em messias e cultos repletos de dogmas. (MOURA; FERREIRA. São Paulo [200?], p.32)

Para que seu projeto se concretize, o filósofo trabalha a exaltação da vida, em hipótese alguma ele faz uma condução de uma “não-vida”, repleta de negações, cheias de limites e privações. Segundo Scarlett Marton: “é urgente, pois, suprimir o além e voltar-se para a terra; é premente entender que eterna é esta vida tal como vivemos aqui e agora” (MARTON, 1993, p. 65).

O homem moderno concorda com essa prisão, por esperar uma “vida eterna”, ele priva-se dos prazeres terrenos para alcançar a paz, essa visão metafísica foi implantada pelos “senhores decadentes da Grécia” Sócrates e Platão e pelo cristianismo.

A história humana seria uma tolice, sem o espírito que os impotentes lhe trouxeram – tomemos logo o exemplo maior. Nada do que na terra se fez contra os ‘nobres’, ‘os poderosos’, ‘os senhores’, ‘os donos do poder’, é remotamente comparável ao que os judeus contra eles fizeram; os judeus, aquele povo de sacerdotes que soube desferrar-se de seus inimigos e conquistadores apenas através de uma radical tresvaloração dos valores deles, ou seja, por um ato *da mais espiritual vingança*. Assim convinha a um povo sacerdotal, o povo da mais entranhada sede de vingança sacerdotal. Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocrática (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses). (NIETZSCHE, 1998, p.25 – 26).

A transvalorização dos valores acontece na transformação da moral do escravo para a moral do guerreiro. Para o filósofo alemão o homem deve superar os valores vigentes dessa moral decadente e de base metafísica.

Em Nietzsche, os conceitos de vida e valor estão intimamente ligados. ‘Viver é *essencialmente* apropriação, violação, dominação do que é estrangeiro e fraco, opressão, dureza, imposição da própria forma, incorporação e, pelo menos, no mais clemente dos casos, exploração’ (Para além de bem e mal § 259). A partir daí, compreende-se que o filósofo encare a moral cristã como negação da vida. (MARTON, 1993, p.64)

Entende-se que a falta de vontade de viver, a renúncia dos desejos, a compaixão e a piedade, são sentimentos cristãos. O poder, a vontade de vencer e o egoísmo são sentimentos que elevam o homem a sua potência. Sendo assim o bom seria tudo o que aumenta no homem a sentimento de poder, e mau seria tudo o que lhe causa fraqueza, esta é a visão nietzschiana do homem forte.

Nietzsche acredita que o homem não deve viver na mediocridade, mas na concretização de suas vontades, mas para que isso aconteça o homem deve ter uma nova educação, na qual ele desenvolva a sua própria potência individual, desprendendo-se da moral gregária¹³.

Para o filósofo alemão trata-se da moral de um super-homem, livre dos limites, Nietzsche anuncia o além-do-homem como sentido da Terra. O super-homem está além do bem e do mal, mas não apenas como aquele que desobedece regras, mas como aquele que é criador, ele cria valores para superar as bases

¹³ Gregária derivado de gregarismo (do lat. *Gregarius*: relativo a rebanho) Atitude ou tendência mais ou menos instintiva de certos seres vivos de se unirem para formar bandos com o objetivo de viverem, como rebanho, uniões duráveis. No homem, essa tendência, chamada de mentalidade gregária, leva os indivíduos a um certo conformismo e a adotarem passivamente os modos de pensar, sentir, agir e reagir do grupo.

metafísicas. Ele busca o significado para sua vida, não em outro mundo, mas no presente, através da exaltação do corpo.

O *Übermensch* (esse *além-do-homem*) é, portanto, aquele que destrói velhas tábuas de moral e cria novos valores. Ele tem que transmutar todos os valores que até agora conceberam um tipo humano medíocre, por isso ele opera com aquilo que Nietzsche chama de *transvaloração de todos os valores*, isto é, atravessar todos os valores medíocres, 'demasiado humanos' enquanto decadentes, para fazer mais que invertê-los. (SOUZA, 2009, p.22 – 23).

A afirmação explica que a educação do novo homem implica em edificar novas tábuas de valores. Estes valores não devem mais originar homens fracos, que não gostam desta vida, que são ressentidos em relação aos homens que possuem moral do senhor, ou seja, a moral do forte. Tais características seriam essenciais para a criação de um novo tipo humano, voltado para além-do-homem, um tipo novo e superior pertencentes a uma nova moral, a “moral dos *Übermensch*”, que é uma moral baseada na exaltação do corpo, como sendo a grande razão de tudo.

Toda a luta no corpo e para um 'a mais' de vida, para a força. Disso, podemos compreender corpo como Vontade de Potência e a filosofia de Nietzsche como altamente experimental, com valores que servem á vida, o valor dos valores, vida enquanto referencial de todos os valores, porque vida enquanto Vontade de Potência. (SOUZA, 2009, p. 24)

E deste modo que deixamos de ser metafísicos, construir novos valores baseados nas experiências da vida terrena e do corpo. A moral educada a partir da figura do super-homem seria uma moral afirmadora e longe dos escapes metafísicos. Ao dizer sim a vida e aceitar a sua natureza não se desprezando dos instintos, aceitaria seu destino; o amor fati é amor ao destino, assim o próprio viver é amor fati, lutar pela vida. Viver intensamente seria a essência do amor fati, ser um afirmador de sua vida.

Para o Ano Novo, - Eu ainda vivo, eu ainda penso: ainda tenho de viver, pois ainda tenho de pensar. *Sum, ergo cogito: cogito, ergo sum* [Eu sou, portanto penso: eu penso, portanto sou]. Hoje, cada um se permite expressar o seu mais caro desejo e pensamento: também eu, então, quero dizer o que desejo pra mim mesmo e que pensamento, este ano, me veio

primeiramente ao coração – que pensamento deverá ser pra mim razão, garantia e doçura de toda a vida que me resta! Quero cada vez mais aprender a viver como belo aquilo que é necessário nas coisas: - assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar!* E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2001, p. 187 – 188)

Nietzsche é um filósofo que põe em questionamento os valores para fazer uma contribuição para a educação do futuro, dando instruções de como podemos elevar nossos valores vitais. Uma educação baseada na moral do senhor, em que seremos afirmadores de nós mesmos.

Independência é algo para bem poucos: - é prerrogativa dos fortes. E quem procura ser independente sem ter a obrigação disso, ainda que com todo o direito, demonstra que provavelmente é não apenas forte, mas temerário além de qualquer medida. Ele penetra num labirinto, multiplica mil vezes os perigos que o viver já traz consigo; dos quais um dos maiores é que ninguém pode ver como e onde se extravia, se isola e é despedaçado por algum Minotauro da consciência. (NIETZSCHE, 2005, p.158)

O super-homem é um ser livre, mas não liberdade irresponsável, e sim na vontade, no querer ir à busca. O homem forte não vê limite no poder da natureza, aceitando assim o destino que ela designa.

O homem forte deve ser um 'super-homem', tendo como virtudes principais a audácia e a insensibilidade. A primeira permiti-lhe afirmar a sua vontade sem nenhum escrúpulo; a segunda o coloca na condição de recorrer a qualquer meio sem se deixar comover pela compaixão. No super-homem, como no cirurgião, a compaixão seria um defeito. (MONDIN, 1981-1983, p.78)

O amor fati é a aceitação da vida, porém o novo homem (super-homem) deve criar um novo sentido para a terra, ser o ponto mais alto da humanidade, acabando com os dualismos entre o mundo real e o aparente, ser o sentido da terra. Tendo uma visão dionisíaca do mundo, aonde a vida é uma dança de forças, onde nada fica parado, pois o dionisíaco é o próprio movimento da vida, e não se deve estagnar, por que a vida é vontade de potência.

E é o homem, o novo homem, que deve criar novo sentido da terra, abandonar as velhas cadeias e cortar os antigos troncos. O homem deve inventar o *homem novo*, isto é, o super-homem, o cujos valores são a saúde, a vontade forte, o amor, a embriaguez dionisíaca e novo orgulho. (REALE; ANTISERI, 1993, p.436)

O super homem deve ser superior, mas não se tratando de uma espécie biológica superior, e sim homens preparados para organizar suas paixões, concretizar seus desejos, ser afirmador de suas vontades, retirando os velhos ideias e demolindo os velhos ídolos.

O super-homem substitui os velhos deveres pela vontade própria. Existe 'um dragão enorme, que o espírito não quer mais chamar de seu patrão e seu Deus. Chama-se ele: 'Tu deves'. Mas contra ele, o espírito do leão proclama as palavras 'Eu quero'. E existem os pregadores da vida eterna: eles pregam mundos sobre naturais. (REALI; ANTISERI, 1993, p.437)

Sendo assim o homem para organizar sua vida e sair do niilismo em que vive deveria ser educado segundo a moral do senhor, sendo independente, com a moral baseada no sentimento do forte se situaria para além do mal e do mal, longe dos conceitos empregados pela tradição, tornando-se um super homem.

Uma educação baseada na valoração do corpo e da vida, no aqui e no agora, focando suas vontades no presente, vivendo intensamente. Uma pessoa que segue este princípio se destaca em meio à multidão, Mauro afirma:

Mantendo-se autêntico, 'morando em sua própria casa', não se deixando levar pela massa e, muito menos pelos discursos dos líderes que, na realidade, são 'pastores do rebanho'. Desse modo mantemo-nos solitários em meio à multidão. (NIETZSCHE, 2009, p.52).

O homem só consegue autenticidade através do desapego, ele deve ser livre longe das amarras da sociedade, deve ser um homem independente: "Independência é algo para bem poucos – é prerrogativa dos fortes" (NIETZSCHE, 2005, p.34). Quer dizer que enxergar a vida como independente é ter vontade de potência, é querer mudar, ser diferente. Sendo assim podemos perceber que o pensamento nietzschiano, que a questão dos valores morais deve existir dentro de cada um, pois os homens são seres individuais e devem lutar pela sua autonomia,

sem se deixar levar por nenhuma manifestação coletiva opressora. Em síntese, a filosofia de Nietzsche propõe a inversão dos valores morais tradicionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do que foi exposto podemos concluir que o pensador Friedrich Nietzsche desenvolve sua crítica a moral moderna pela metafísica, direcionando-a ao pensamento socrático-platônico, ao qual indica serem os precursores da transposição dos valores, ao introduzir a busca da razão e em consequência da verdade, enfraquecendo no homem a vontade e os instintos provenientes da natureza humana. Atribui também ao pensamento platônico a exaltação do mundo das ideias em detrimento do mundo real em que vivemos, dando ênfase a alma e ao além, o que conseqüentemente denigre o corpo e a vida do homem.

Juntamente com a crítica a metafísica socrático-platônica, Nietzsche expõe seu sentimento de desgosto pela religião cristã, em que na sua ótica seria uma das maiores fontes de decadência da humanidade, por que a mesma tem capacidade e poder suficiente para ligar as pessoas as suas ideias e impor nelas seus valores apresentando perspectivas de vidas futuras melhores, este sistema opressor e alienante escraviza a sociedade.

Por ser um filósofo causador de muitas polêmicas, por quebrar tabus, por ser contra um sistema dominante, ele não é visto por muitos autores com bons olhos, é rejeitado principalmente pela igreja católica, ao proclamar que “Deus está morto”, atrai para si críticas, pois afinal vivia em uma sociedade movida pelos ensinamentos cristãos. Todavia, Nietzsche chama a atenção para a morte do Deus metafísico, aquele que enraizou valores e noções do bem, pecado e de uma vida eterna nos corações e nas cabeças das pessoas, a crítica à metafísica consiste em implantar na modernidade, noções de valores e desvalores.

Outro aspecto predominante na crítica nietzschiana à moral moderna é a instauração da dualidade entre bem e mal, para Nietzsche esses valores são impostos pela cultura tradicional e decadente, esta imposição vem causando uma separação das pessoas, pois coloca o homem apenas em uma posição ou na outra,

ou na verdade ou na mentira, para Nietzsche os homens devem se colocar para além do bem e do mal.

Nietzsche possui uma postura contra a imposição de conceitos ditos como única verdade, afirmando que não há nada singular e autêntico, existem apenas interpretações. Sendo assim não devemos seguir essa sociedade que aponta os caminhos certos a serem vividos, devemos ser senhores do nosso caminho, vivendo em nossa “própria casa”.

Vivemos em uma sociedade baseada nos valores cristãos, sobre a moralidade Nietzsche apontou que nada mais é que a obediência aos costumes, segundo o filósofo, é a tradição que impõe os valores que deverão ser seguidos, impedido o homem de agir segundo suas vontades, tirando seu livre-arbítrio e sua independência. O filósofo ressalta que desde cedo o homem adquire hábitos e age segundo eles, segue as gerações, achando esses hábitos comuns perde-se a essência dos questionamentos e aceita simplesmente o que foi imposto.

Nietzsche possui uma atitude diferente diante da moral moderna, enquanto toda a sociedade deslumbrava-se diante do progresso, tida como o avanço da razão, Nietzsche não via o mesmo de modo diferente, pois para ele o progresso não possui o caráter positivo, pois ainda carregava consigo as noções de certo, errado, bem e mal, verdade e mentira, valores herdados da tradição, persistia o pensamento nietzschiano de que a antiga Grécia seria sinônimo de grande civilização, baseadas no espírito dionisíaco.

Nietzsche colocou que a moral foi feita para dominar os homens e expôs dois tipos básicos de moral: a moral dos escravos, também denominado de moral dos fracos, rebanho e ressentidos e a moral dos senhores, que também podia ser atribuída a moral dos nobres, aristocratas e fortes. Na primeira foram apresentadas suas características fundamentais, como a obediência, a compaixão e o ressentimento, foi ainda explorado a noção de bom e de mal segundo a perspectiva da moral dos escravos e dos senhores, o valor “bom” de uma moral corresponde exatamente o valor “mau” da outra. Na moral dos senhores predominava a astúcia, a virilidade e a falta do sentimento de compaixão, sentimento que impediria a moral dos fracos a se tornarem fortes.

A moral do senhor estava baseada na exaltação de si mesmo, os fortes tinham confiança nas suas atitudes e com isso se tornavam independentes de valores impostos pela sociedade. A moral dos nobres é aquela em que os homens criam seus próprios valores, pois não necessitam da aprovação da sociedade.

O niilismo se instala na modernidade e fixa raiz, ao encontrar uma sociedade repleta de problemas e com sintomas de decadência, ele se radicaliza e toma conta das pessoas, fazendo-os ir ao encontro do nada, em busca de um Deus metafísico, inexistente.

Para Nietzsche a vontade de potência pode ser a resposta a essa corrente alienante do homem moderno, uma vez que vontade de potência tende a ser “mais vida”, mais vontade de viver, vontade de romper com valores fixos e tirar o homem desta prisão. Desta forma o homem pode vencer o niilismo, tornar-se livre e, segundo Nietzsche, tornar-se um super homem, aquele que vive a partir de uma moral dos senhores e rompe com a moral do rebanho.

Para isso o filósofo propôs uma educação baseada na afirmação de si mesmo, tendo o homem como centro, fazendo uma “transvalorização dos valores”, ou seja, renunciar os valores impostos e criar outros, renunciando a metafísica e exaltando o corpo, aceitando o seu destino e tendo amor por si mesmo, isso acontece quando o homem se aceita e vive intensamente os seus desejos, sem a preocupação com a culpa ou pecado, impostos pela religião cristã.

Friedrich Nietzsche visa acordar o homem da ideia de pecado e colocá-lo no seu verdadeiro lugar, despertando todos para uma nova aurora e para por o homem “para além do bem e do mal”. Segundo Nietzsche (2002) a crítica a moral cristã era algo de suma importância, já que a religião proporciona um conformismo inestimável, uma espécie de justificação de toda a vida quotidiana, de toda baixeza, de toda a pobreza quase animal da sua alma.

REFERÊNCIAS

GIACOIA, Júnior Osvaldo. Nietzsche/ Osvaldo Giacoia Júnior. São Paulo. PUBI FOLHA, 2000.

HENRY, Michel. A morte dos deuses: vida e afetividade em Nietzsche. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

JAPIASSÚ. Dicionário básico de filosofia. 5. ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2008.

KOSSOVITCH, Leon. Signos e poderes em Nietzsche. São Paulo: Ática, 1979.

LEFRANC, Jean. Compreender Nietzsche. Petrópolis, Rj. Vozes 2010

MACHADO, Roberto. Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2005.

MARTON, Scarlett. Nietzsche: a transvariação dos valores. São Paulo. Moderna, 1993.

MONDIM, Battista. Curso de filosofia: os filósofos do ocidente. Vol. 3. 5 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

MOURA, Matheus; FERREIRA, Henrique Gustavo. São Paulo. Ed. Escala. [200?].

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A Gaia Ciência. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

_____. A genealogia da moral: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. Aurora: Reflexões sobre os preceitos morais. São Paulo. Volume 66, 2007.

_____. Assim Falava Zaratrusta. São Paulo. Vozes de Bolso 2011

_____. Ecce Homo. Coleção textos clássicos de filosofia. Covilhã, 2008.

_____. Humano demasiado humano. São Paulo. Editora Escala. Volume 42, 2007

_____. Miscelânea de Opiniões e Sentenças. São Paulo. Editora escala. Volume 84, 2007.

_____. O Anticristo, 12 ed. São Paulo. Centauro, 2005.

_____. Obras incompletas. 5 ed. São Paulo. Nova Cultura, 1991. (Coleção os Pensadores).

_____. Vontade de poder. São Paulo. Editora Escala. 2007.

REALE, Giovanni; ANTISERI Dário. História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias. São Paulo. Paulus, 1991.

SIEGMUND, Georg. O ateísmo moderno: História e Psicanálise. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

SOUSA, Mauro Araújo de. Nietzsche: viver intensamente, tornar-se o que é. São Paulo. Paulus, 2009.

STRATHERN, Paul. Nietzsche em 90 minutos. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1997.

ZILLES, Urbano. Filosofia da religião. São Paulo: Paulus, 1991. _ (Coleção Filosofia).